

Circuito de **Artes** Visuais

EXPOSIÇÕES | PERFORMANCES | GRAFFITI

1º DE SETEMBRO A 29 DE OUTUBRO DE 2017 – MANAUS-AM

Verão
na Praça

EMERSON
Edições
Governo do Estado



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

GOVERNO DO AMAZONAS
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

David Almeida
Governador do Estado

Robério Braga
Secretário de Cultura do Estado

Mimosa Paiva e Elizabeth Cantanhede
Secretárias Executivas

Érica Brito
Chefe de Gabinete

AGÊNCIA AMAZONENSE DE
DESENVOLVIMENTO CULTURAL

Antônio Carlos da Silva
Presidente do Conselho Deliberativo

Genésio Vitalino da Silva Neto
Presidente

Rejane Cruz de Souza Barbosa
Diretora Técnica

CULTURA

Secretaria de Estado

Av. Sete de Setembro, 1546
69005-141 – Manaus-AM-Brasil
Tels.: (92) 3633.2850 | 3633.3041 | 3633.1357
Fax.: (92) 3233.9973

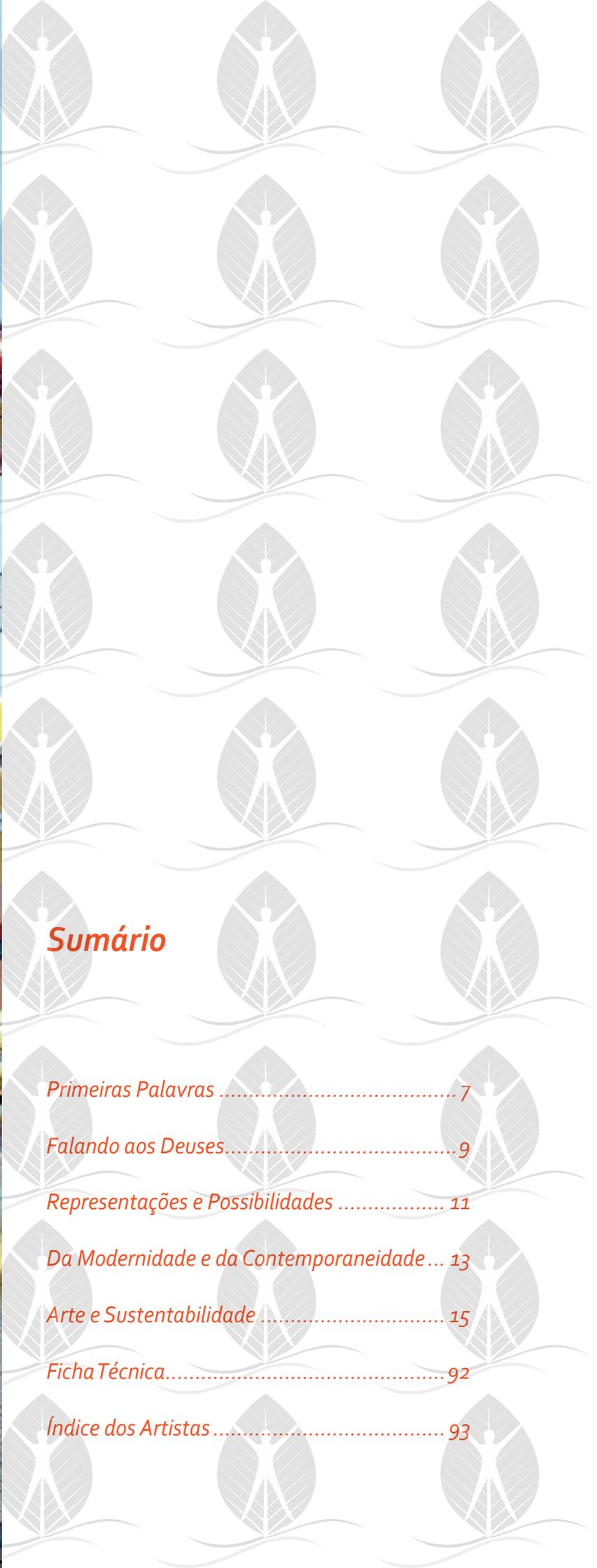
E-mail: cultura@culturamazonas.am.gov.br

Facebook: @culturadoamazonas

Instagram: @culturaamazonas

www.culturamazonas.am.gov.br





Sumário

Primeiras Palavras 7

Falando aos Deuses 9

Representações e Possibilidades 11

Da Modernidade e da Contemporaneidade ... 13

Arte e Sustentabilidade 15

Ficha Técnica..... 92

Índice dos Artistas 93





Primeiras palavras

O Governo do Estado mantém os programas e atividades da Cultura porque eles respondem aos interesses do povo, desde que a Secretaria de Estado de Cultura foi criada.

Do mesmo modo que deve dar atenção à educação, à saúde, à segurança pública como vitais para a sociedade, assim também deve ser com as manifestações culturais, independente dos ritos, formatos e expressões, certamente porque todas traduzem a alma do brasileiro, e em particular do amazonense.

Esse **Circuito de Artes Visuais** realiza mais uma vez essa missão: arte ao alcance de todos, e, por isso mesmo, como governador do Estado e ao mesmo tempo representante do povo eleito para a Assembleia Legislativa apresento congratulações aos artistas que participam da empreitada e aos técnicos e dirigentes da Secretaria que idealizaram e organizaram o evento.

David Almeida
Governador do Estado





Falando aos deuses

Nada aproxima mais os homens da divindade do que a arte. Assim tem sido desde os tempos imemoriais, e são muitas as lições que podem ser extraídas do culto a tais manifestações do pensamento, da liberdade e da beleza, seja qual for a forma.

A Secretaria de Cultura, criada há vinte anos, tem atuado de maneira incessante para estimular os processos de criação, informação, difusão e preservação de valores artísticos e culturais em sentido amplo, e, dessa feita, com o Circuito de Artes Visuais que organizamos para reunir e expor a produção selecionada de mais de setenta talentosos brasileiros que habitam as nossas florestas e águas amazônicas, também rompe com padrões expositivos até então conhecidos no meio de nós.

O Circuito expõe nas galerias, nos centros culturais, nos museus, mas também invade os bares, restaurantes, sorveteria, as lojas do Largo São Sebastião que se transformou ao longo dos anos em ponto de referência para os amazonenses e visitantes, em derredor do suntuoso e muito bem cuidado Teatro Amazonas. Mais do que isso, está nos tapumes que exprimem a dor de grande parte de nossa gente porque foram necessários para salvar os destroços quase finais da Santa Casa de Misericórdia, agora protegida pela Secretaria.

Tudo isso se faz com o talento de grandes artistas e técnicos, o empenho decisivo de uma equipe que não se cansa de inovar e realizar, aprender e ensinar, acreditando que é possível fazer mais e melhor, a cada vez. Não perde o entusiasmo. Sabe como atuar para valorizar ainda mais a produção artística de que tanto nos orgulhamos.

Vamos aproveitar esse Circuito, e, quem sabe, tal como os artistas-criadores, possamos ficar um pouco mais próximos das divindades que animam a arte, o belo e o bem.

Robério Braga
Secretário de Estado de Cultura



Representações e possibilidades

As relações entre Homem, sociedade e cultura se expressam por vários meios e são verdadeiramente complexas. As diferenças individuais são reconhecidas como grandezas, e têm influências nos fenômenos das representações e das possibilidades nas intersecções desse universo. Este conjunto de obras, sobre o qual ora nos debruçamos, nos proporciona organizar as possibilidades e as representações simbólicas existentes nas relações artísticas, interpretadas pelos códigos cognitivos realinhados às diferentes informações e seus significados, com o intuito de valorizar as particularidades dessas informações.

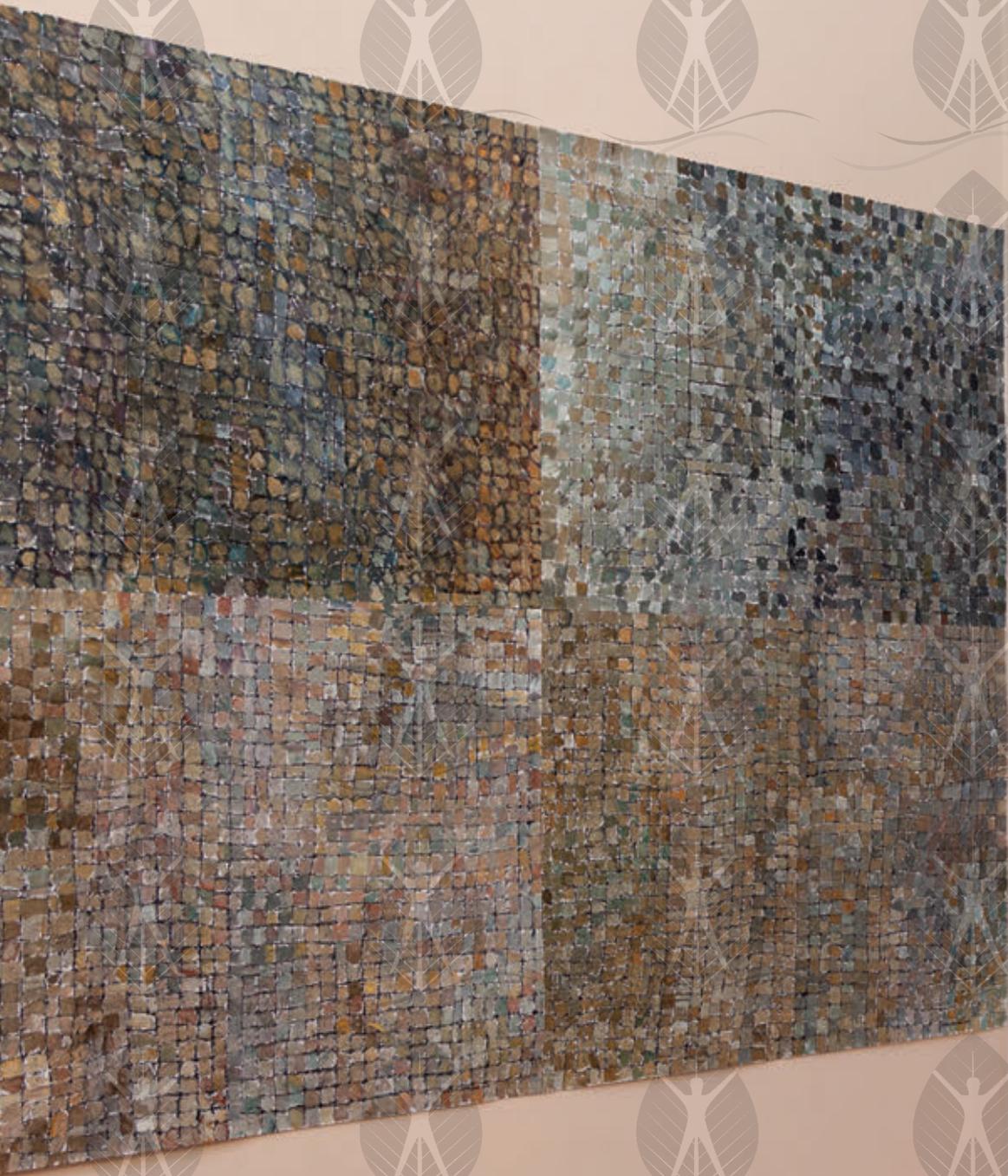
O Circuito de Artes Visuais é representado por 70 artistas de diferentes gerações, os quais citamos Afrânio Santos, Alef Vernon, Alessandro Hipz, Bárbara Teófilo, Buy Chaves, Caroene Neves, Cristóvão Coutinho, Cinthia Louzada, Da Maia, Débora Erê, Denis Maerlant, Diego Batista Gama, Eli Bacelar, Eliberto Barroncas, Emerson Gomes Soft, Erre Nascimento, Eva Lopes Lima, Fabiano Barros, Felipe Fernandes, Fernando Jr, Flávio Tial, Francimar Barbosa, Francisco Rider, Hadna Abreu, Helen Rossy, Homero Amazonas, Iva Tay, Jair Jacqmont, Jandr Reis, Jarbas Lobão, Jesse Araújo, Johnny Castro, José Stênio, Keila Serruya, Kerolayne Kemblim, Lara Bonadiman, Manausmacaco, Marcelo Ramos, Marcos Sonek, Mário de Paula, Marius Bell, Monik Ventilari, Nádja Krsthina, Nelson Falcão, Noletto, Óscar Ramos, Otoni Mesquita, Pablo Cunha, Paulo Trindade, Pito Silva, Polly D'Ávila, Priscila Pinto, Raiz Campos, Rakel Caminha, Roberto Evangelista, Rodney Marques, Rogério Arab, Rosa dos Anjos, Rui Machado, Samantha Karlia, Sávio Stoco, Sebastião Alves, Sergio Cardoso, Thaizis Isy, Tito, Turenko, Valnei Moura Choke, Valter Mesquita, Van Pereira e Zeca Nazaré, que pelas diferentes linguagens, como pintura, desenho, escultura, performance, videoarte, instalação e graffiti, fazem um livre intercâmbio de ideias e de conhecimentos, como estímulo à criatividade e ao comprometimento com a sustentabilidade artística.

Dentre os artistas que participam deste Circuito, destaco uma nova geração atuante no fazer da arte do agora, muitos dos quais tem aqui seu *début*. Estas exposições simultâneas representam um recorte na atual produção da arte amazonense, que tem como papel fundamental promover sua pluralidade.

Ao reunir este conjunto de obras observamos a reinvenção dos movimentos artísticos e a renovação da arte amazonense, que se faz voz e requer seu espaço no cenário brasileiro, e como afirma Proust no *Em busca do tempo perdido*, "aquilo que se aproxima não é a comunhão das opiniões, mas a consanguinidade dos espíritos", e é *exatamente* desta forma que as obras se manifestam, ligadas pela "consanguinidade espiritual", sem se limitar ao campo estético.

Assim, deixemos como uma reflexão essa voz tão presente nestes trabalhos, e sigamos acolhendo as diferenças como grandezas, como numa comunhão simbólica que somente o plano pictórico pode nos conceder. Viva a arte e todas as possibilidades que ela nos oferece!

Cléia Viana
Curadora



Small white label with illegible text, likely an artist or title tag.



Da Modernidade e da Contemporaneidade

As obras que compõem o Circuito de Artes Visuais apresentam um panorama diverso e intrigante da produção atual no estado do Amazonas. Cada sala permite inúmeras leituras. Isso se deve primeiro, à escolha do tema “Representações e Possibilidades”. E depois pela escolha dos artistas: representantes do Clube da Madrugada, da Geração Pós-Madruçada e artistas que produziram e produzem arte dos anos 70 à 2017.

O Circuito de Artes Visuais mescla a bagagem dos que se iniciam na modernidade e àqueles que se enquadram no que se convencionou chamar de contemporaneidade. Um sopro de jovialidade uma vez que mais da metade dos artistas selecionados pertencem à gerações novíssimas.

Muitos deles iniciaram seu caminho nas artes no Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro. Essa geração “Claudio Santoro” durante 10 meses fez uma imersão com vários artistas e educadores. Aulas práticas e teóricas. Muitos ao finalizarem o curso, entraram na universidade, alguns já são especialistas e mestres. Ainda são parte do circuito, artistas provenientes da Universidade Federal do Amazonas, outros de coletivos culturais de Manaus, e, há ainda, os escritores de *grafitti*. Essa juventude traz em seu currículo premiações e participações nacionais e internacionais.

Há uma expectativa de interlocução entre as obras de diferentes gerações, a partir dos diversos materiais e suportes; os distintos meios que transitam entre o habitual e o tecnológico. Entre o expor e/ou se expor na galeria e/ou na rua. Entre técnicas historicamente costumeiras e o as manifestações da *Street Art* e à performances. Na apropriação de textos históricos à apropriação da própria terra e de muitos materiais amazônicos. Convergem à uma lógica conceitual, e mais que isso, uma proximidade nas representações.

As obras refletem representações do homem e da mulher – indígenas ou não, amantes: reais e idealizados; os meninos e os trabalhadores; à cidade de Manaus; a Amazônia; ao Mundo. Mitos e lendas; folguedos tradicionais; dramas existenciais e reflexões sobre a personalidade e privacidade. Algumas releituras com referências diretas ao Concretismo, ao Cubismo, à Arte Pop, à Arte Op, Representações de ícones da cultura pop, *youtubers*, cantoras, super-heróis de histórias em quadrinhos – aspectos massivos que refletem a quantidade, a diversidade e a velocidade de informação em tempo real à que estamos submetidos – muitas dessas representações trazem em seu bojo preocupações e reflexões atuais.

Não existem mais fronteiras geográficas nem temporais. Assim como a Amazônia, que para ser compreendida necessita um olhar multidisciplinar, a arte produzida hoje, traz uma gama tão variada de alternativas, que chegamos a nos perguntar o que é e o que não é arte. Essa lógica instigante permeou todo o processo curatorial do Circuito de Artes. Desde a Arte Acadêmica, passando pela Modernidade e as inúmeras escolas artísticas do século XX, assim como os múltiplos meios, que estão à disposição dos artistas nesse início de século, o Circuito de Artes Visuais explora e apresenta uma predisposição do pensar contemporâneo no fazer artístico.

Aníbal Turenko Beça
Curador

PROJETO PORTABILIDADE DO MEU CHÃO
"VENDO 1 METRO QUADRADO DA AMAZÔNIA"
ENTREGO EM DOMICÍLIO • GEORREFERENCIADO
GARANTIA DE ORIGEM • FOTOS DO LOCAL EXTRAÍDO
TURENKO1.AND@GMAIL.COM • FACEBOOK/TURENKOBEGA • INST.@TURENKOLAND



Arte e Sustentabilidade

Manaus será a cidade mais importante do mundo em 2050. Quando faço essa afirmação entre estrangeiros, percebo um ar de credulidade e curiosidade para saber como se desenrolará o raciocínio. Imediatamente percebo se formar em meus interlocutores, uma ideia que passa pela centralidade da cidade em relação à questão ecológica do planeta. A Amazônia suscita no mundo uma inspiração, um respiro, frente à imagem da hecatombe que sugere o prosseguimento do aquecimento global. Nos anos futuros, a preocupação com o destino ecológico da Terra tende a se intensificar dramaticamente. E Manaus tem todas as condições de tornar-se o mais importante hub das agendas ecológicas globais.

Quando apresento a mesma afirmação para brasileiros - sobre a cidade mais importante do mundo em 2050 - em geral não percebo tanta credulidade quanto a do estrangeiro. Parece que a auto estima do interlocutor nacional o impede de enxergar o potencial e a oportunidade que se apresentam. O potencial de transformação para os amazonenses, para os brasileiros e para o mundo todo, a partir do reconhecimento mundial de Manaus, como o símbolo natural da agenda para a sustentabilidade do planeta. E a oportunidade de centralizar em Manaus, a produção de um novo ethos para essa agenda global. Para quem acha que pensar com tamanha grandeza é exagero, costumo citar os motivos que levaram o fundador da Amazon, uma das mais valiosas empresas da atualidade. Nas palavras do Sr. Jeff Bezos: "escolhi a palavra Amazon por que é o nome do maior rio do mundo, uma inspiração para a magnitude do empreendimento que eu queria criar".

Daqui até 2050, para realizar o que hoje é apenas um potencial + uma oportunidade, o que precisamos fazer? Primeiro, entender que a conquista do protagonismo pretendido é uma questão de investimento cultural. A agenda ecológica está sendo desenvolvida em rede e por atores de grande poderio tecnológico: Estados Unidos, China, Alemanha e assim por

diante. Estrategicamente, o papel do Brasil nessa agenda, é consolidar sua posição de guardião simbólico e físico da maior reserva ecológica do mundo. Esse papel nos é natural, mas sua consolidação depende da nossa capacidade de criar uma narrativa coerente, assertiva e forte - algo que seja verdadeiramente relevante para a agenda de um planeta sustentável. Precisamos criar visões claras, vivas, sensíveis desse mundo que desejamos para as futuras gerações. Precisamos criar visões que sensibilizem, engajem e unam mais pessoas dessa construção. Temos espírito criativo para exercer esse papel com brilhantismo e, essa guerra contra os que ignoram a situação de emergência em que se encontra a Terra, precisa da nossa participação proativa no processo. Nossos artistas visuais estão sendo convocados para assumirem a tarefa de tangibilizar essa visão de um planeta equilibrado!

Quando eu fui convidado a falar sobre artes visuais e sustentabilidade, como parte dos eventos do Circuito de Artes Visuais, eu vim com a expectativa de fazer um primeiro mapeamento das principais cenas artísticas locais e apresentar algumas sugestões de viabilização do seu desenvolvimento, como a qualificação da cadeia criativa, a formação de novos colecionadores, a internacionalização, integração das culturas urbanas contemporâneas e as indígenas ancestrais, a criação de uma identidade colaborativa e inclusiva para o setor. Como inspiração das minhas palestras, coloquei a ideia de "Manaus 2050, a cidade mais importante do mundo" e para minha grande satisfação percebi que existe já, uma comunidade alinhada com essa narrativa e trabalhando nesse sentido. Dos mais jovens artistas e coletivos, curadores e diretores de museus, ao Secretário da Cultura do Estado.

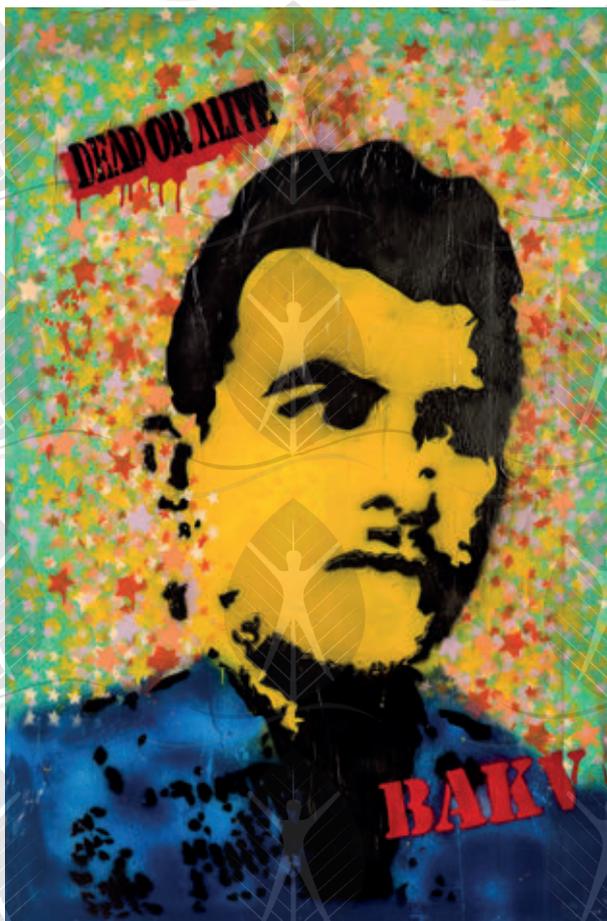
É hora de trabalhar e Manaus é nosso quartel general. Ao mostrarmos que entendemos nosso papel, importantes parceiros surgirão, entre os atores que estão já investindo pesado em novas matrizes energéticas e novas tecnologias. E novos públicos serão engajados nessa missão.

Baixo Ribeiro

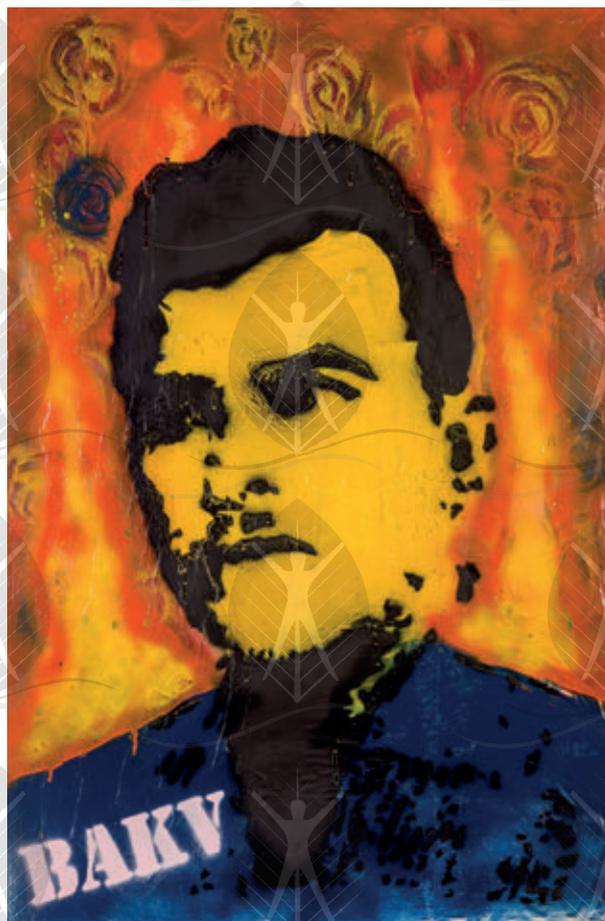
Curador de arte
Fundador da Choque Cultural







De Castro #2, 2017. Mix ink, óleo sobre madeira, 111 x 72 cm



De Castro #3, 2017. Mix ink, óleo sobre madeira, 111 x 72 cm



Afrânio Santos

“ Inicialmente meus estudos são como autodidata. Minha carreira começou depois que fiz o curso de formação em Artes Visuais no Liceu de Artes Ofícios Claudio Santoro, em 2007. No ano seguinte, prestei vestibular para o curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), no entanto, sempre tive interesse em artes visuais, teatro, fotografia e arte em geral.

Os temas presentes no meu trabalho artístico estão relacionados com a iconografia do cotidiano manauara, urbano, as cores e formas da cidade, detalhes, fragmentos, dialogando com rua, retrato e autorretrato, celebrando a história e a cultura com *pochoir* e molde vazado.

Participar no Circuito de Artes Visuais é muito importante, pois se trata de um retrato das Artes Visuais em 2017 na cidade de Manaus. O trabalho que estou apresentando no circuito traz duas obras numa instalação bidimensional pictórica. São elas “De Castro #02” e “De Castro #03” produzidas em pintura Mix Ink sobre madeira, uma pintura que dialoga diretamente com a rua, tendo como ferramenta principal o molde vazado, retrato do artista Afrânio de Castro e um autorretrato do artista homônimo Afrânio Santos.



Rainha das flores, 2016. Lápis de cor e background digital, 50 x 50 cm



Mulher Maravilha, 2013. Lápis de cor e finalização digital, 60 x 13 cm



Erym, 2017. Lápis de cor e background digital, 50 x 50 cm

Alef Vernon

“ Sempre fiz ilustrações e desenhos como hobby, uma atividade que me distraía, que eu levava como lazer. Então, em 2013 comecei a postar os desenhos que fazia em redes sociais: Instagram e Facebook, e com o passar do tempo, já tinha um número grande de seguidores nas redes sociais... e com isso começaram a surgir propostas de alguns trabalhos rápido com ilustração, participação em eventos como palestrantes e até visitas em empresas relacionadas a arte.

A Cultura pop é um tema sempre presente nos meus trabalhos, pois como sempre tive a ilustração, a priori, como hobby, gostava de desenhar aquilo que me chamava atenção, e a cultura pop e a ficção sempre foram os meus maiores atrativos. Personagens de filmes, séries, livros e cantores da música pop, sempre aparecem como temática nas

minhas ilustrações, onde gosto de brincar misturando vários estilos e colocando elementos criados por mim, nestas obras. Todos os meus desenhos levam o lápis de cor e alguns deles a finalização digital.

Me sinto feliz e honrado em participar do Circuito, pois vejo como uma forma de mostrar a parcela de artistas que muitas vezes acabam sendo desconhecidos pela população, que tem pouca conexão com esta área cultural, então é uma ótima entrada para expor a importância e a beleza da arte para a nossa cidade e nossa vida.

As obras que apresento no circuito, são três que gosto bastante, pois ilustram os meus três estilos de desenhos mais conhecidos pelas redes sociais.





A Santa da Santa Casa, 2017



Alessandro Hipz

“ Tive meu primeiro contato com o graffiti aos 15 anos de idade, em 2001, e logo me encantei pelas possibilidades e pela liberdade que ele proporciona ao artista, e também por usar a cidade como suporte para desenvolver minhas obras. Isso foi amor à primeira vista. Ao longo desses anos fui estudando e buscando um estilo dentro dessa vertente artística, e hoje meu trabalho tem influências indígenas, religiosas e pagãs por minha forma de contextualizar tudo isso. A partir daí nasce a santa amazônica.

Dentro do graffiti meu estilo são personagens, em sua maioria representações de mulheres reais, em uma perspectiva de santas. Assim nascem as santas amazônicas: mulheres reais que possuem uma história de luta, dando visibilidade a essas personagens da vida real. Componho meus trabalhos com grafismos indígenas e histórias amazônicas e das mulheres nortistas.

Acredito que iniciativas como as do Circuito de Artes Visuais integram as artes, principalmente o graffiti, uma arte marginalizada e que às vezes encontra barreiras dentro do próprio meio artístico. Como obra, levo um graffiti assinado por mim com o título de *A Santa da Santa Casa*.



Volans, 2017. Spray fosco e acrílica sobre tela, 93 x 130 cm

Bárbara Teófilo

“ No ano de 2000, comecei com curso de desenho e pintura em tela. Participei da minha primeira exposição coletiva em 2002, na reinauguração do Espaço Cultural Usina Chaminé. Nos anos seguintes, participei com várias exposições coletivas. No ano de 2012 me formei no curso de Licenciatura em Artes Plásticas na Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

No meu trabalho, busco explorar temas variados como o vasto universo onírico da cultura amazônica, como os peixes, barcos e plantas, sempre dando ênfase nas cores. Com relação à técnica, utilizo técnica mista com uso de tinta acrílica, pastel oleoso, estêncil, tinta em spray, lápis grafite.

Para este circuito apresento uma série de peixes de um universo fantástico e onírico, que venho desenvolvendo já a algum tempo. São duas telas de formato médio nas quais abordo o mundo fantástico dos peixes e o habitat dos homens. Meus peixes parecem flutuar muito além das águas dos nossos rios.





O futuro já passou, 2017. Acrílica sobre isopor, 70 x 70 cm

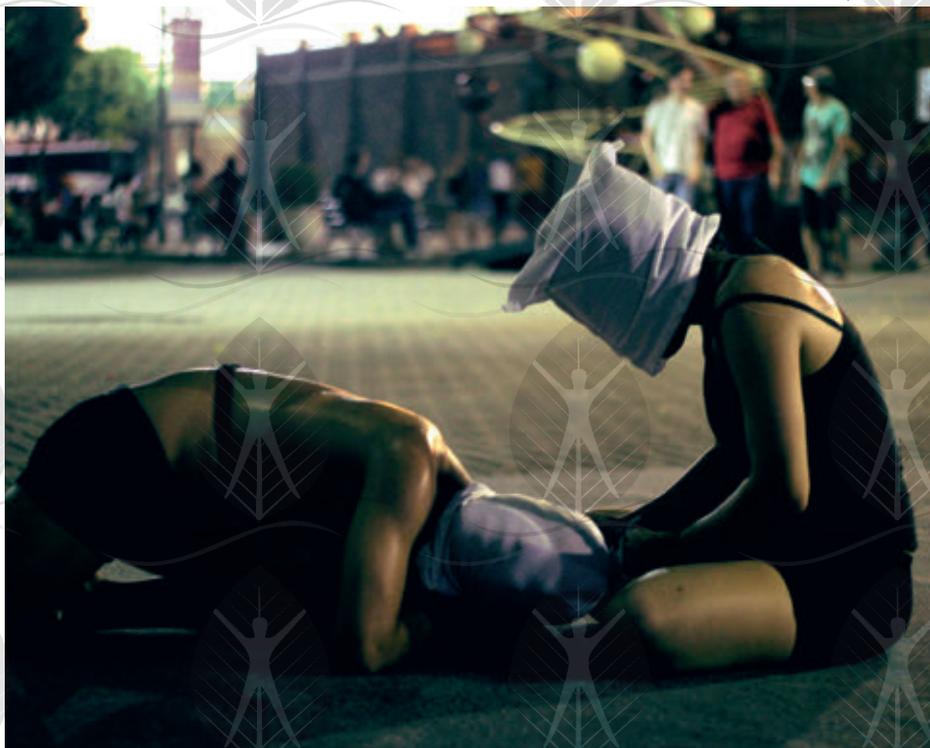
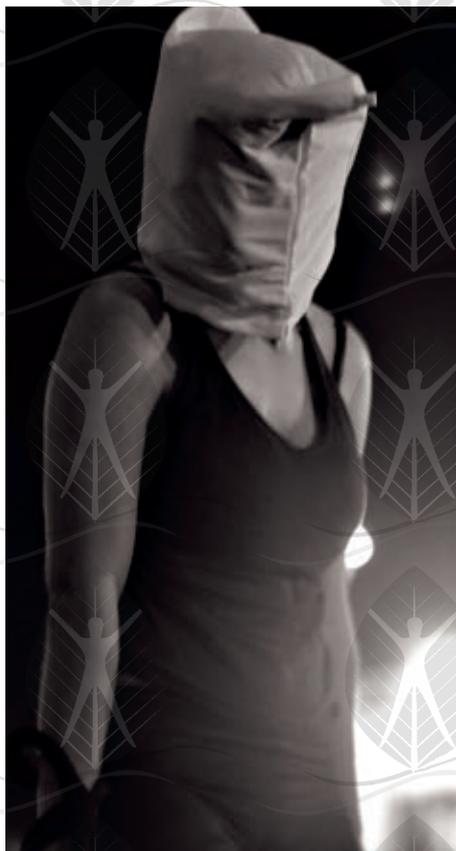


“ Sou de Santa Catarina e estou há 40 anos no Amazonas. Desde muito jovem sempre desenhei e pinte, mas foi aqui, com tantas cores, formas e luzes, que me transformei nesse artista de alma verde.

No meu trabalho a “caboclitude” de Manaus é meu tema preferido, com a selva ao redor da cidade, o peixe e os pássaros, pessoas indo e vindo.

Sobre o Circuito, considero sempre importante eventos que reúnem artistas de todos os estilos e gerações, pois dessa forma podemos ter uma ideia do cenário das artes plásticas local. Sendo assim, para este evento, produzi minha obra como uma homenagem aos anos 1980, quando comecei como profissional aqui em Manaus, e utilizava refugos da Zona Franca nos meus trabalhos.

Buy Chaves



Corpos Líquidos, 2017.
Performers: Caroene Neves e Caio Muniz

Caroene Neves

“ Desde pequena o gosto por desenho e pintura era grande. Meu pai sempre gostou de desenhar e passou boa parte da sua vida na serigrafia. Não fiz curso algum, meus pais apenas compravam materiais de artes para mim como incentivo. Ganhei meu primeiro concurso de desenho aos 12 anos, na minha escola, o SESC. Lia livros de pintura, pintores e diferentes tipos de artes, minhas principais referências são o expressionismo abstrato e o impressionismo. Com 16/17 anos comecei a me interessar por fotografia, principalmente preto e branco e nu artístico, aos 18 conheci a performance art, e o amor por artes das cenas nasceu. Ingressei na faculdade Artes Visuais em 2015.

As temáticas que apresento nos meus trabalhos são de existencialismo, espaço e tempo, questionamentos, incômodo e dúvidas, principalmente caminhos/passagens e corpos femininos. Apresento esses temas em pinturas, desenhos, fotografias e na performance. Dispensio pincel e molduras, uso espátulas e as mãos.

Existem muitos jovens artistas que precisam de oportunidade e de espaços para mostrar o que fazem de melhor. São estes jovens que são os contemporâneos, trazendo uma arte nova e quebrando tabus ainda existentes. O trabalho que apresento no Circuito é uma performance, que estou desenvolvendo com o artista Caio Muniz.





Ansia, 2017.
Mista (colagem, pintura e desenho),
50 x 50 cm



Sem hora, 2017.
Mista (colagem, pintura e desenho),
50 x 50 cm



7 X 1, 2017.
Mista (colagem, pintura e desenho),
50 x 50 cm



Cinthia Louzada

“ Em 2002, como aluna do então Centro Cultural Claudio Santoro, iniciei meus estudos em Artes Plásticas. Aprendi técnicas, recebi orientações e estímulos de vários artistas que por lá ministravam as aulas. Desde então, participo de exposições. Sou formada em Letras, com pós-graduação em Artes Visuais.

Temas do cotidiano da cidade, sentimento, cultura, natureza e feminino são constantes nas minhas obras, a técnica é mista, pintura (impressão de linhas com tinta acrílica), desenho, colagem. Meu estilo é abstrato figurativo.

Estou muito honrada e agradecida por poder participar do Circuito de Artes Visuais, compartilhar experiências com vários artistas e fomentar a arte da cidade, mostrando e valorizando o que está sendo produzido. Minhas obras têm como temática um “fragmento” das brincadeiras populares de criança, em nossa região como a dança (quadrilha no mês de junho), empinar pipas e o futebol.



Série Ibridez, (2009-2017). Acrílica, spray, tecido estampa de animais, 200 x 135 cm

Cristovão Coutinho

“ Comecei minha carreira nos anos 80, no espaço do Baco Bar e, posteriormente, na galeria Afrânio de Castro, com a ocupação da mesma em uma mistura de linguagens por meio do spray, fotocópias e palavras. Desde o início o agregar de materiais e ações diversificadas estavam presentes, constando na possibilidade de o pensamento/conceito ser a motriz do processo de criação.

Na minha arte faço uso de temas da contemporaneidade onde a representação na obra reflete as circunstâncias do sujeito e o mundo, através de leituras exercidas e que acabam sendo parte do processo criativo e, conseqüentemente, concretizando-se em diversos materiais: pintura, desenho, fotografia, vídeo e na construção de ambientes...

Neste Circuito apresento a pintura da série “Hibridez”, elaborada com tinta acrílica, spray e tecidos estampados de animais, sendo revisitada com uma camada pixo. O trabalho de 200 x 135 cm faz parte do conceito de gabinete artístico praticado em viagem até São Gabriel da Cachoeira/Alto Rio Negro, cujo objetivo era compactuar, através dos trabalhos de arte desenvolvidos em algumas linguagens, a cultura híbrida em nossa identidade amazônica, integrando o Gabinete Póron Narrativas Visuais.

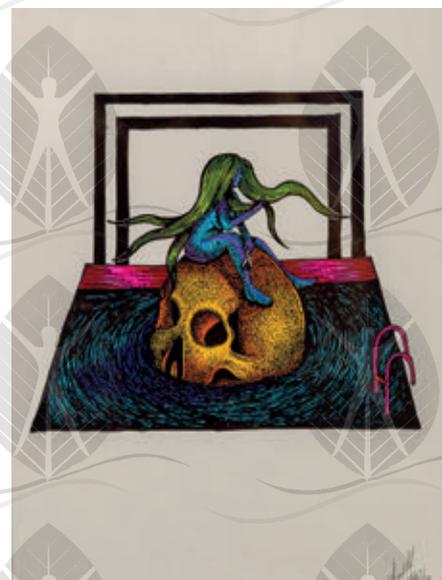




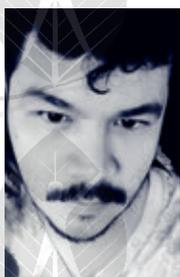
Santa Muerte, 2017. Nanquim e tinta acrílica sobre papel, 33 x 26 cm



Geminis, 2017.
Nanquim/stabilon point 88 sobre papel, 33 x 26 cm



Reflection, 2017.
Nanquim/stabilon point 88 sobre papel, 33 x 26 cm



“Desenvolvi o amor pela arte desde a infância. Meus primeiros trabalhos artísticos começaram a ser vistos em agosto de 2013, na base missionária Sabbaoth, com a exposição “Fragmentos”. Após estampar capa do zine “Spermetal” (2013) e participar da mostra de desenhos no bar Mapinguari (2014), tive várias participações em mostras coletivas de eventos. Em 2016 fiz parte do evento “Reboco – Outro Muralismo”, no espaço cultural DaVárzea das Artes, e atualmente disponibilizo suporte de arte visual e gráfico.

Na representação artística, do meu trabalho, dou vida às obras com detalhes instigantes destacados pelo pontilhismo, técnica de pintura saída do movimento impressionista, em que pequenas manchas ou pontos provocam, pela justaposição, uma mistura óptica nos olhos de quem aprecia. O negro do nanquim reforça os traçados e características dos desenhos,

sobre textura de tinta acrílica neon na base da pintura, colorida com canetas coloridas Stabilo ou não, destacando a ‘surrealidade’ impressionista, buscando influência tanto nas bases da arte underground, nos gibis artesanais e zines independente como na arte clássica. A inspiração que transporto para as obras varia entre contos, histórias de lendas e misticismo que ouvi durante a vida toda na Amazônia. O entorno da floresta sempre me inspirou para pintar e desenvolver projetos de releituras da fauna e flora, por se tratar de uma região de muito mistério.

Sobre o Circuito de Artes Visuais, primeiramente vejo esse projeto como uma porta aberta para nós artistas, que lutamos para termos nosso espaço e vejo como um momento único, uma oportunidade, e me sinto honrado de fazer parte dele.

Da Maíia



Libertação, 2017

Deborah Erê

“ Sempre gostei de criar. Quando criança e adolescente, customizava minhas roupas, fazia grandes painéis de colagem nas paredes do meu quarto, pintava o espelho com esmalte de unha e batom, escrevia poesias que não mostrava a ninguém. Em 2011, aos 18 anos, consegui uma bolsa no curso de graduação em Artes Visuais, na Belas Artes de São Paulo, e passei a enxergar essas criações de forma diferente. Com olhar de artista. Em 2012, comecei a grafitar e conheci de perto o Movimento Hip Hop. Foi mais uma janela que se abriu no meu caminho e por onde enveredei.

Atualmente o meu foco é o Graffiti, mas também pinto em aquarela, nanquim e outras técnicas e materiais. Gosto de misturar estilos, matérias, poesia escrita, com respingos de tinta, em suportes reutilizados, colhidos do ambiente urbano, enfim. Agrada a mim apresentar trabalhos

acessíveis à população, que poderão ser vistos nos muros das cidades, no percurso do cotidiano. Acredito que este encontro transforma o espaço de passagem em espaço de contemplação, de ideias e sensações. Também produzo trabalhos de arte em xerox, camisetas, adesivos, pôsteres, para distribuição e venda a baixo custo.

É uma enorme honra para mim participar deste Circuito de Artes Visuais, que relaciona o meu trabalho com o de tantos outros artistas que tenho como referência. Eu me sinto contemplada por poder apresentar à população da cidade de Manaus um pouco do meu ponto de vista artístico, do que produzo com mãos, mente e coração. Ainda mais por ser em graffiti, que é a minha paixão e que vem ganhando notoriedade e espaço, enquanto movimento artístico e cultural dentro da capital do Amazonas.





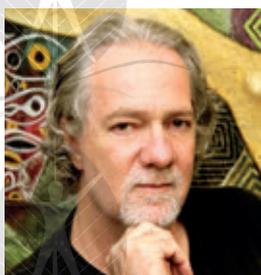
Uma breve história do silêncio - Parte I
O nascimento da Ninféia, 2017
Técnica: esferográfica sobre papel
Dimensão: 51 cm x 40cm



Uma breve história do silêncio - Parte II
A solução dos acidentes, 2017
Técnica: esferográfica Sobre Papel
Dimensão: 51 cm x 40 cm



Uma breve história do silêncio - Parte III
A percepção de calíça, 2017
Técnica: esferográfica sobre papel
Dimensão: 51 cm x 40cm



Denis Maerlant

“ Um certo dia quando criança, em uma tarde fria. Penso que havia chovido. O certo é que a luz da vela iluminou meus olhos de modo estranho. Foi quando resolvi tudo num desenho. Assim descobri como é doloroso olhar para dentro de si, mas descobri como pode ser maravilhoso inferir estados anímicos, e formular pensamentos sem usar uma só palavra. Sem ocaso, encontrei no caminho Leonardo Leal, Franmarques, Laerti Baldini, Jacques Wayne, Cavani Rosas e Fernando Lúcio, além de outros Mestres. A partir desse dia comecei a pensar com as formas.

Sempre pensei na Arte como algo verdadeiro. Algo essencial e intrinsecamente inseparável da vida... Assim, busco incorporar a “inexistente” realidade da Arte à implacável realidade da humanidade. Não importa a forma, contanto que seja contundente como a carne seca e esfomeada de um oásis humano na constelação da indiferença.

A oportunidade de entrelaçar conceitos é algo tão maravilhoso, que mal pode ser comparado a algo que não tenha que ser complementado por outros pensamentos: tese e antítese se autflagelando e a partir dos seus cacos aglutinados em novas relações de um todo, criar novas concepções de um antigo conhecimento. .



Xamânico "Ancestral Urbano", 2017. Stencil/serigrafia/pixo e spruer sobre tecido, 70 x 150 cm



Xamânico Cara de Gato, 2017.
Stencil, serigrafia em brim marrom, 100 x 100 cm



Xamânico Txaí, 2017.
Stencil, serigrafia e spray, 150 x 100 cm

© Diogo Viana



Diego Batista

“ Iniciei em paralelo à carreira no Teatro, estudando e desenvolvendo funções de criador de objetos cênicos. Há cinco anos venho estudando a Arte Urbana, através da stencil art, desenvolvendo inicialmente estampas para roupas em geral. Com a evolução da técnica, passei a produzir murais, decorações de interiores e exterior, por diversos pontos da cidade de Manaus, e em outras cidades da região Norte.

Os motivos usados são imagens étnicas. Busco uma homenagem a povos originários da América do Sul, e com isso trago texturas e cores de nossa região amazônica, pincelando um pouco de misticismo. Tenho o estêncil como técnica e expressão, utilizando impressões em serigrafia e Graffiti Art.

Neste Circuito de Artes Visuais apresento Xamânico, projeto que comecei a desenvolver em uma exposição que lancei em junho de 2017 na Casa da Pamonha. São imagens de seres da floresta que carregam toda essa energia do misticismo amazônico, e também faço uma relação destes seres com o urbano. São obras carregadas de uma força que levanta vários questionamentos sociais acerca destes povos, que hoje são minorias.



Tempo Lúdico, 2017. Óleo sobre tela, 50 x 70 cm



Eli Bacelar

“ Ainda criança mostrava meus desenhos ao meu irmão, que me influenciou. Na minha adolescência, pintava releituras de alguns artistas e ao mesmo tempo lendo tudo sobre artes. Já na fase de amadurecimento, inscrevi-me na Bienal de Arte Naïf, que acontece em Piracicaba (SP), fui selecionado e premiado com Menção Honrosa. Hoje conto com cinco catálogos de participações.

Na minha produção artística eu trabalho muito com o cotidiano popular, como cenas de músicos, vendedores ambulantes, com as danças – enfim, resume-se no regionalismo e no urbano. O uso da técnica em acrílico sobre tela é o mais frequente para a representação dos temas. O estilo é variado, dependendo do segmento no qual pretendo participar.

O Circuito de Artes Visuais é uma ótima oportunidade para dar continuidade às minhas participações nas artes plásticas de nossa cidade. Para esta mostra de arte, o tema é o lúdico, fazendo um registro sobre o brinquedo de infância.



Mulher Uitoto, 2017.
Papélagem sobre estrutura de arame,
44 x 27 cm



Mulher Uitoto, 2017.
Papélagem sobre estrutura de arame,
30 x 42 cm



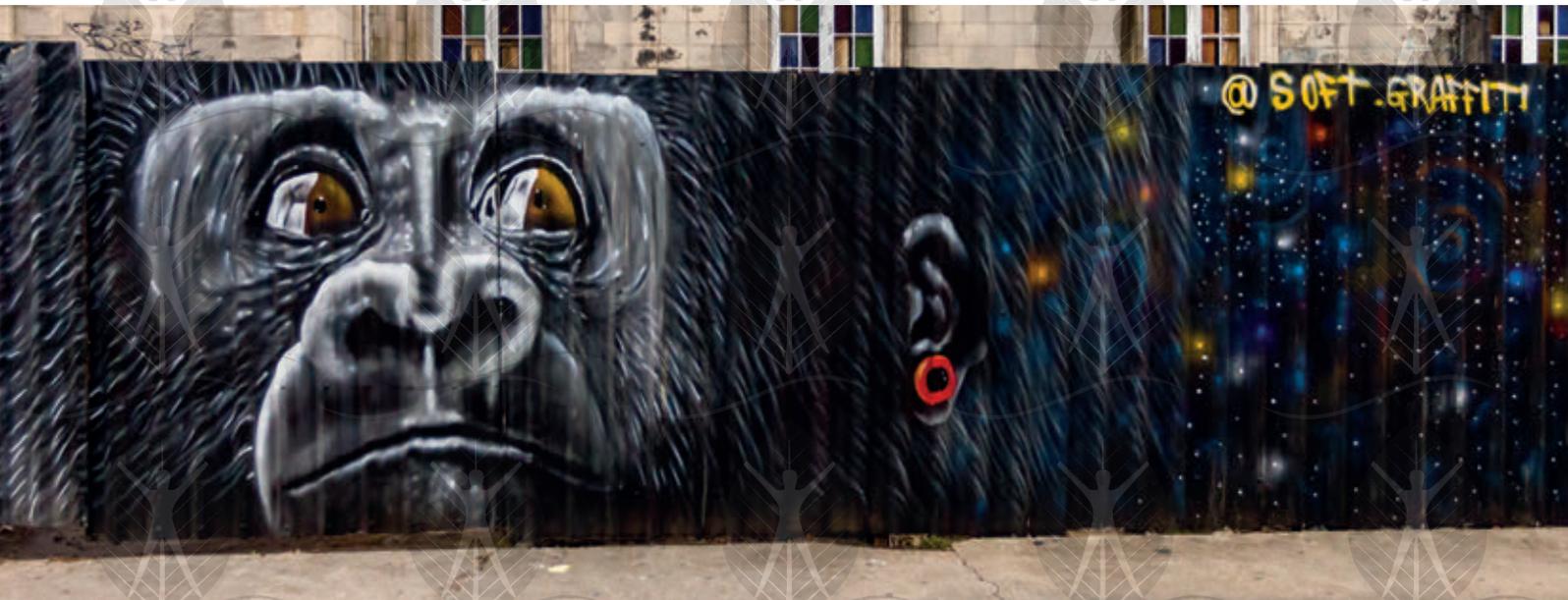
Mulher Uitoto, 2017.
Papélagem sobre estrutura de arame,
36 x 38 cm

Eliberto Barroncas

“ Posso dizer que iniciei minha trajetória no universo das artes visuais no interior do município de Itacoatiara, onde residi até os 17 anos, inteiramente integrado ao meio, criando e confeccionando objetos/brinquedos, com argila e outros elementos da natureza, desenvolvendo assim minhas primeiras interpretações conceituais do mundo. Na minha produção artística, procuro expressar, em cada obra, significados de profundidade existencial, decodificações de determinados olhares da floresta, silêncios que hoje me fazem criar tal como antes quando criança. Busco realizar essa expressão pela forma tridimensional, por melhor atender o que preciso construir como linguagem.

Para o Circuito de Artes Visuais, projeto de entrelaçamento de linguagens diversas, apresento obras inéditas da série “Mulheres Uitoto”, esculturas alusivas à arte escultural dessa etnia, fronteira do Brasil com a Colômbia, representação, de caráter expressionista, da temática maternidade. Uma forma de chamar a atenção para saberes de grande relevância cultural artística à margem dos conceitos estabelecidos.





Olhar de misericórdia, 2017



Emerson Soft

“ Comecei minha arte em Tabatinga-AM, meu berço de nascimento, quando tinha 14 anos de idade, participando de cursos diversos, como entalhe em madeira, serigrafia, pirogravura e desenho. Mudei-me para Manaus aos 17 anos e conheci o Graffiti. Aos 18 iniciei a prática da arte, e desde então passaram-se 10 anos de pura aprendizagem e convivência nas artes urbanas. Sou feliz com tudo que tenho vivido pela arte. O que mais abordo nos meus trabalhos artísticos são os animais, principalmente os amazônicos. Venho explorando com muita dedicação e apreciação estes animais, usando técnicas e estilo de hiper-realismo, sempre trabalhando com muitas cores e formas, tentando promover a valorização e a conscientização

para a preservação, e mostrar a importância de cada um desses animais para a nossa rica Amazônia.

Estou muito grato por participar, do Circuito de Artes Visuais, onde agrego o meu trabalho a esta iniciativa tão importante para todos nós. E, claro, imensamente feliz por estar com grandes artistas que estão juntos fazendo todo esse evento grandioso acontecer. Espero que curtam e apreciem meus trabalhos, pois são todos feitos com muita dedicação e amor à arte. Com certeza aqui também está o melhor de mim, expressado em cores, e animais totalmente regionais. Isto é a arte para todos vocês. Espero que curtam. Valeu!!!



Expia, 2017. Assemblagem, 20 x 75 cm

Erre Nascimento

“ Os primeiros “contatos imediatos” com as Artes Visuais aconteceram com a prática intuitiva do desenho e o contato com livros ilustrados de grandes artistas. Desse duplo encontro entre uma técnica simples com a leitura, inclusive de imagem, germinou uma semente: não, não me tornei de pronto artista, mas fui estudar design. A formação e depois a prática profissional foram me levando a pesquisar, experimentar linguagens e a realizar trabalhos cada vez mais autorais. Assim cheguei às Artes Visuais e ao incômodo lugar de proponente, de projetista de ideias, poéticas e também de começos.

Nos trabalhos que produzo são perceptíveis diversas influências, temas, estilos e poéticas, além do exercício constante da investigação e do questionamento. Dentre muitas variáveis identifico o enigma de saber-se humano, sua insustentável condição, associada a uma identidade amazônica como temas presentes. Também o impresso, o livro, seja na forma de artefato gráfico ou conceito como uma constante pista de

decolagem para os trabalhos que proponho. A viagem, sempre com turbulências, paradas forçadas, mudanças de rota e histórias vão definir um desenho/desejo no ar.

Espero que em meio a uma grande constelação de obras, discursos, egos e artistas, eu consiga levar questões e um estranho encanto com o trabalho intitulado EXP I A. Nele proponho não apenas espionar o trabalho, mas convidar à reflexão sobre os muitos “pecados” cometidos contra a natureza, humana e amazônica. Inclusive por nós, habitantes do tempo presente e dessa terra das amazonas e do pau-brasil. Espia maninho e Expia: “se manque” e assuma suas responsabilidades nas disputas cotidianas de valores, morais e monetários, nas quais estamos sempre em campo. Inspire fundo e vamos tentar ser mais que uma zona, franca ou de guerra.





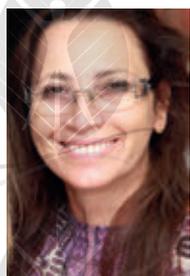
Orquídea Amarela, 2008. Óleo sobre tela, 30 x 40 cm



Orquídea Rosa, 2003. Óleo sobre tela, 30 x 40 cm



Vitória Régia, 2005. Óleo sobre tela, 40 x 50 cm

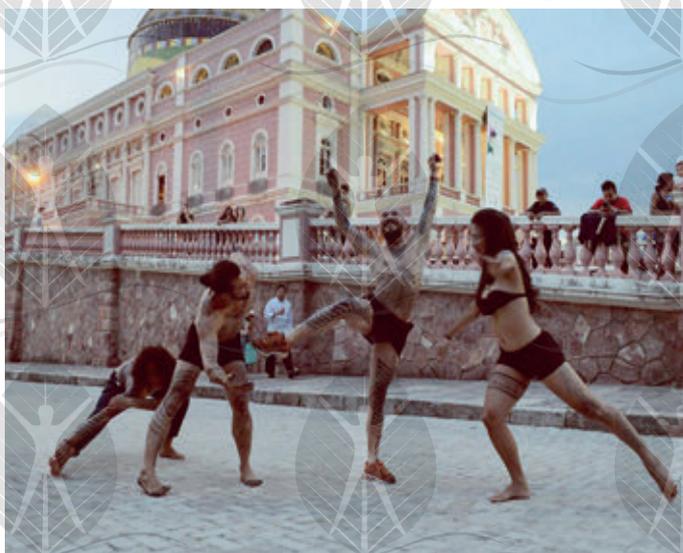


Eva Lopes

“ Comecei aos 19 anos num projeto do governo do Estado do Amazonas no Palacete Provincial, cujas aulas eram ministradas pelo artista Manausmacaco, depois tive aulas com Edson Queiroz e Anísio Mello.

Os temas mais presentes na minha arte são o realismo onde posso retratar a beleza amazônica. Depois, um pouco de impressionismo, por achar este último um tanto romântico. Sempre prefiro óleo sobre tela, gosto de coisas duradouras.

Muito me honra essa participação no Circuito de Artes Visuais é com prazer que apresento três telas de minha autoria intituladas: “Orquídea amarela”, nas dimensões 30 x 40; “Orquídea Rosa”, também 30 x 40 e “Vitória Régia”, 40 x 50.



Grafismos sobre pele, 2017.
Performers: Fabiano Barros, Adam Souza, Raquel Menezes, Igor da Silva, Antônio Ariel e Matheus Frota

Fabiano Barros

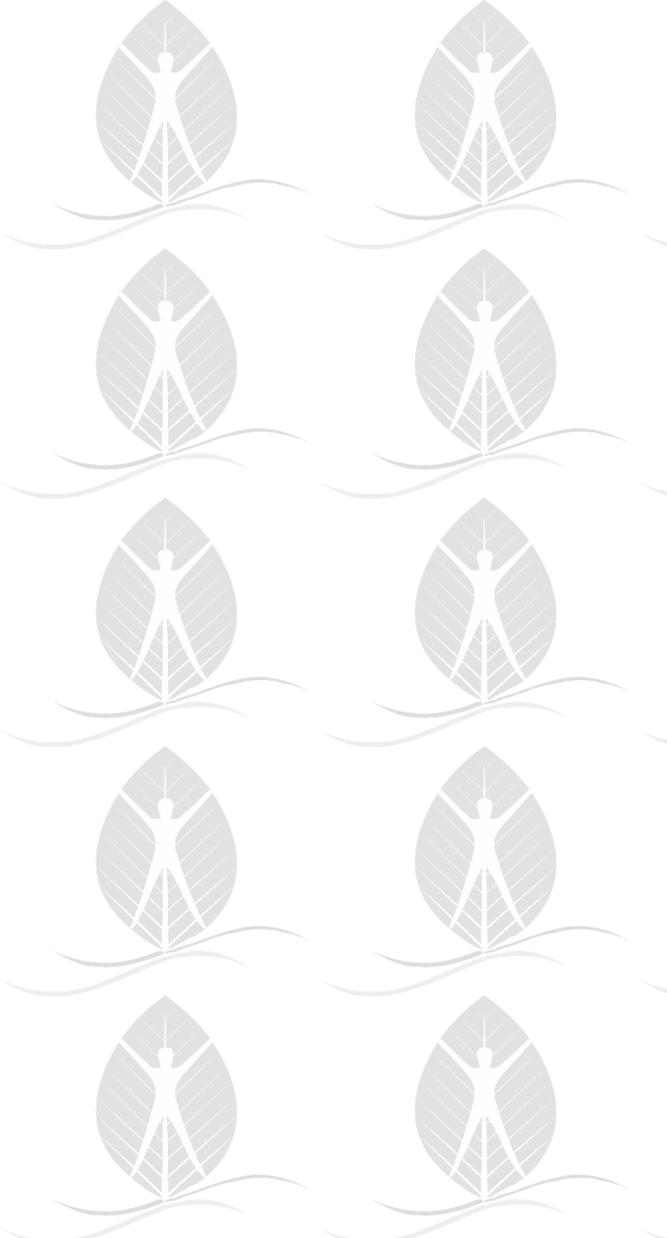
“ Comecei ainda garoto quando morava no Nordeste, mais precisamente na cidade litorânea de Aracati (CE). Lá iniciu minha experiência com arte, no ateliê do grupo de teatro da cidade. Quando ia para a praia, eu me inspirava nas jangadas, pescadores, falésias e peixes do mar.

Hoje trago na minha arte temas que aborem ou se relacionem com as raízes culturais do lugar que me acolheu, a Amazônia. Pesquiso os grafismos indígenas desde 2006 e outros estilos de pintura que tenham um teor mais expressionista.

Gosto de explorar técnicas mistas, ressaltar o traço ou rastro da mão humana.

Eu me sinto grato por ter a oportunidade de participar do Circuito de Artes Visuais, pois considero toda forma de exposição uma janela para o público. Trago uma série do projeto que denomino "Ateliê Sem Paredes", em que desenvolvo pinturas de peixes da Bacia Amazônica em painéis de tecido, utilizando projeção e realizando as pinturas *in loco*, com performance plástica e paisagem sonora.





Memórias Póstumas, 2017. Dorso, tecido, carvão, spray, aparelho eletrônico, 250 cm



Felipe Fernandes

“ Em 2006 o teatro me revelou as artes plásticas. Naquele momento integrava a Companhia de Teatro Vitória Régia. Minha formação foi construída durante as produções e espetáculos na elaboração de figurinos, adereços de cena, iluminação e palco. Com Nonato Tavares, diretor fundador da Cia, tive a oportunidade de trocar referências, noção de materiais, conceitos e adquirir diversas habilidades como artista. O conhecimento é algo que se constrói a cada dia. Minhas produções são realizadas a partir de ações coletivas em parceria com grupos independentes. Outras experiências foram importantes para o desenvolvimento de trabalhos com técnicas múltiplas da produção artística visual. Na busca de ampliar repertório decidi cursar design. Utilizo ferramentas multimídia para construção da minha arte em audiovisual, fotografia, vídeo mapping, performance, tecnologia e instalações que proporcionem novos sentidos e novas percepções. Me considero um artista multimídia. Uso de qualquer material do cotidiano, estudos sobre comportamento, cosmologia e relação humana versus natureza. O procedimento que adotei para tornar possível minhas criações, transita

na possibilidade de reutilização de resíduos com os aparatos tecnológicos, representados em variações de cores, sons e texturas.

A realização de iniciativas como o Circuito de Artes, fortalecem uma diretriz de fomento à produção artística visual. Fico animado em participar juntamente com outros tantos artistas que admiro e que também constroem a história da artes visuais no Amazonas. Ao lado de tantos trabalhos de diferentes técnicas me sinto confortável em apresentar uma instalação, uma escultura, “corpo morto” de pés, carbonizado e com uma cabeça digital, fala sobre tempo, memórias e retrospectivas, que apontam para um possível destino caótico se a omissão social permanecer. Falo sobre origens e destinos, há dados estatísticos e retrospectiva de alguns acontecimentos planetários. Pretendo conectar pessoas à realidade, pois esquecer grandes acontecimentos e não reagir a fatos importantes, parece ter se tornado natural. O Brasil passou por catástrofes ambientais inacreditáveis e por situações políticas absurdas, há uma omissão socioambiental diante da tomada de poder e decisão.



O lado Europa do largo II, 2017. Acrílica sobre tela, 100 x 150 cm

Fernando Jr.

“ Quando criança, sempre fui incentivado pelos meus pais, e mais tarde, em 1976, quando aluno do pintor Moacir de Andrade na Escola Técnica Federal do Amazonas, fui premiado em 2º lugar numa exposição de artes, na categoria Pintura. O prêmio foi ofertado pelo diretor da Fundação Cultural do Amazonas/Governo do Estado, que na época era o jornalista Joaquim Marinho. Logo após vieram várias exposições coletivas e individuais, a convite da própria Fundação Cultural do Amazonas.

A temática do meu trabalho é a Amazônia, destacando ora a natureza, ora a arquitetura das nossas cidades, influência de meu trabalho ao longo

de décadas com Arquitetura e Urbanismo em Manaus. Trabalho com diversas técnicas, por dominá-las devido lecionar Artes em universidades/faculdades em Manaus: pintura acrílica, aquarela, bico de pena, aguadas com nanquim, carvão, pastel, desenho e pintura digital, entre outras.

Sobre o Circuito de Artes Visuais acho importante essa iniciativa, pois é uma maneira de divulgar o movimento artístico local e ao mesmo tempo mostrar um panorama dos diversos meios, suportes, técnicas, estilos e por aí vai. Encontro de gerações, diálogos contemporâneos, na essência é um movimento didático incentivando novos talentos, abrindo novas janelas para visualizar melhor o mundo lá fora...





Cabeça oca desleixo, 2017



Flávio Tial

“Aprendi habilidades de desenho logo cedo, em casa, com o estímulo dos meus pais. No ano de 2000 participei da minha primeira oficina de artes plásticas, com duração de um mês e uma carga horária que me possibilitou ter meu primeiro certificado. Mas me considero mesmo dentro do circuito das artes a partir de 2005, quando fui convidado a participar da minha primeira exposição coletiva e consegui inserir a minha arte dentro da galeria.

Palavras grafitadas e metáforas, étnicos conceituais, livres, políticos, polêmicos, contemporâneos líricos. São alguns dos temas mais abordados na minha arte, representados através de técnicas de percepção e criação sem dimensões estéticas, resultando assim em um estilo próprio e autodidata.

Neste Circuito de Artes Visuais, trago mais um trabalho da série Cabeça Oca, que é o meu personagem principal, com o tema “Representações e possibilidades” dentro de um subtítulo chamado “Desleixo”. Nele faço uma associação da obra como suporte de forma sutil e branda, quase subliminar, em um desfecho lírico, trazendo à tona a importância do ser humano em relação ao patrimônio cultural histórico.



Sinfonia Amazônica, 2017. Acrílica e pastel sobre tela, 136 x 200 cm



Sinfonia Amazônica II, 2017. Acrílica e pastel sobre tela, 110 x 163 cm

Francimar Barbosa

“ Iniciei nas Artes Plásticas em 1988, com o professor Anísio Mello, no Liceu de Artes Esther Mello, em Manaus, onde fiz um curso de pintura com a técnica óleo sobre tela. A primeira exposição de que participei foi em um evento chamado “Semana Cultural” da empresa Panasonic, onde eu trabalhava.

O tema mais presente na minha arte não poderia ser outro, senão o tema amazônico. Afinal, sou filho dessa terra, nascido em Manaus. Passei muitos anos pintando paisagens: fauna, flora, rios, barcos, ribeirinhos e a cultura indígena, todos no estilo Impressionismo. Mas sempre busquei um estilo próprio, e nesse caminho segui fazendo muitas experiências com técnicas e estilos diferentes, procurando uma pintura que fosse diferente, única, que tivesse expressão e força à altura da cultura que ela representa. Até

que cheguei nas “Mandalas Amazônicas”, com estilo Pop e Op Art. Da primeira vem a tendência da produção em série a partir de um determinado padrão que se desdobra; da segunda, a organização racional e matemática das proporções, provocando a sensação de movimento contínuo.

Na minha opinião é sempre importante para o artista participar de eventos com essa magnitude. Juntamente com outros artistas, teremos a oportunidade de mostrar nossos trabalhos para um grande público que com certeza se fará presente nesse evento. Participo desta mostra com os trabalhos “Sinfonia Amazônica” no estilo Pop, onde procuro representar a diversidade de nossa cultura, como sendo a única e verdadeira sinfonia já apresentada ao mundo.





Francisco Rider

“ Comecei meu envolvimento com as linguagens do teatro e da dança, em Manaus. Fiquei 20 anos fora da cidade. Em São Paulo colaborei por uns 5 anos com a coreógrafa Célia Gouvêa e o seu marido, o artista Maurice Vaneau: diretor teatral, iluminador, ator, cenógrafo, artista plástico, mímico etc. Fui muito influenciado pela maneira como os dois olham para a visualidade cênica e plástica. Após, fui para Nova York, com bolsa da CAPES/MEC, de aperfeiçoamento. Ali trabalhei muito com artistas visuais, da Performance Art, do Teatro e da Dança; colaborando com Patrícia Hoffbauer (colabora da artista Yvonne Rainer, uma das pioneiras da dança-pós-moderna norte-americana).

A partir das investigações e vivências de 10 anos em NYC (1996-2006), concebo obras híbridas que articulam um diálogo entre as linguagens Artes Cênicas/Performance Art/Artes Visuais. Investigo o encontro relacional Corpo/Ambiente/Outro. Este podendo ser: a natureza, uma pessoa,

uma planta, um animal, um inseto, um objeto, dessa forma, rompendo com relações dicotômicas: ativo/passivo; observador/observado; dentro/fora; interior/exterior; performer/espectador.

Minha obra BloCorpo (premiada com o Rumos Dança 2009/2010 do Itaú Cultural de São Paulo) é uma forte referência sobre esse encontro. Em relação à técnica, o corpo performer é preparado a partir de investigações em abordagens somáticas, yoga, improvisação, partitura, dança e teatro performativos.

Para o Circuito proponho: instalação performativa, em que o corpo rebelde contestador político problematiza relações de burocratização da arte e da vida brasileira. A obra, além do teor político, tem um forte apelo visual, em que as cores da bandeira brasileira se “impõem” na ambiência e no corpo do performer. Que Brasil verde, amarelo, azul e branco é esse, que nos f... literalmente de verde amarelo, e que conscientemente ou inconscientemente nos diz “Você vai se f... de verde amarelo”?



Fabulosa Amazônia, 2017. Aquarela, 190 x 60 cm



Profundo, 2017. Aquarela, 92 x 60 cm

Hadna Abreu

“ Desde muito pequena via meu pai desenhando em cartas para minha mãe, e para entreter eu e minha irmã, ele costumava nos desenhar, nos fazendo de modelo vivo. Eu ficava impressionada com o transporte de imagens a partir do olho para a mão dele, e passei a imitá-lo nesta prática que é o desenho de observação. Foi assim que me encantei pela magia de criar mundos em pedaços de papel. Em 2008, ingressei no curso de Licenciatura em Artes Plásticas (UFAM), e lá foi um grande laboratório experimental para perceber arte, perceber vida, conhecer outras maneiras de me manifestar. Ganhei outras linguagens de expressão. Gosto de perceber a beleza nos detalhes, nos cantos mais escondidos e obscuros do ser humano, mas estes precisam ser achados em mim. Sentir. A minha arte tem conexão como minha vivência íntima e pessoal.

Já trabalhei com o tema do envelhecimento para homenagear meus avós, mas também já expus meu coração partido por um relacionamento desastroso. A arte, para mim, é uma forma atual de comunicar meu estado de espírito.



A técnica que mais tem permitido operar minhas ideias é a tinta aguada, mas também tenho me aventurado em espátulas mais densas de uma acrílica em tela.

Fico feliz em ser convidada a participar de uma iniciativa juntamente com valorosos artistas atuantes no cenário manauara. Estou expondo uma aquarela que retrata um pouco da profundidade dos seres. É sobre imersão – no caso, meu envolvimento com a natureza amazônica que me permitiu capturar essências que haviam se perdido dentro de mim, memórias. Faz algum tempo que pinto em aquarela, porém até então, procurava sempre a leveza em cores claras e suaves. Esta não se trata de uma aquarela convencional minha, mas uma aquarela, para mim, carregada, escura, sem luz. Apesar de algumas mudanças, continua sendo eu ali, mas em uma fase noturna. Alguns pensamentos foram gravados nela, e são estes que apresento no suporte do papel. A obra faz parte da série Fabulosa Amazônia.



Boi de Cuia, 2017. Instalação com materiais amazônicos



Helen Rossy

“As formas sinuosas das sobras da construção dos barcos em frente de minha casa me chamaram atenção, molhadas à margem do rio Negro, em Novo Airão, pequena cidade do Amazonas onde fui morar em meados dos anos 1990. Iniciei meu processo artístico reaproveitando essas sobras de madeira nobre, desenvolvendo o que intitulei de “esculturas utilitárias”. A partir daí, o olhar diante das coisas ao meu redor sempre fez parte do processo de criação. Minha primeira participação em exposições se deu com uma escultura em papel na inauguração do Centro de Artes Chaminé, a convite de Jair Jacqmont, grande incentivador de uma geração de novos artistas.

O tema de minhas obras está ligado diretamente à minha vivência nos rios e matas da Amazônia. Minhas lembranças lúdicas se misturam com

uma Amazônia também urbana, nas esculturas e instalações. A madeira e os resíduos descartados pelo homem nas queimadas e no corte de árvores são minha principal matéria-prima, e também podem estar inseridos elementos orgânicos, ou sintéticos.

Participo do evento com a instalação “Bois de cuia”, quando a alma lúdica da arte transfere para a alma do artista um processo de criação empírico, na essência do que talvez seja o caminho verdadeiro a seguir na concepção artística. Uma experiência pessoal a partir da qual me desprendi de valores e preconceitos, questionando o valor daquilo que é real. Brincar de ser criança, brincar de ser artista.



Saudade I, 2017. Mista, 120 x 80 cm



Saudade II, 2017. Mista, 120 x 30 cm

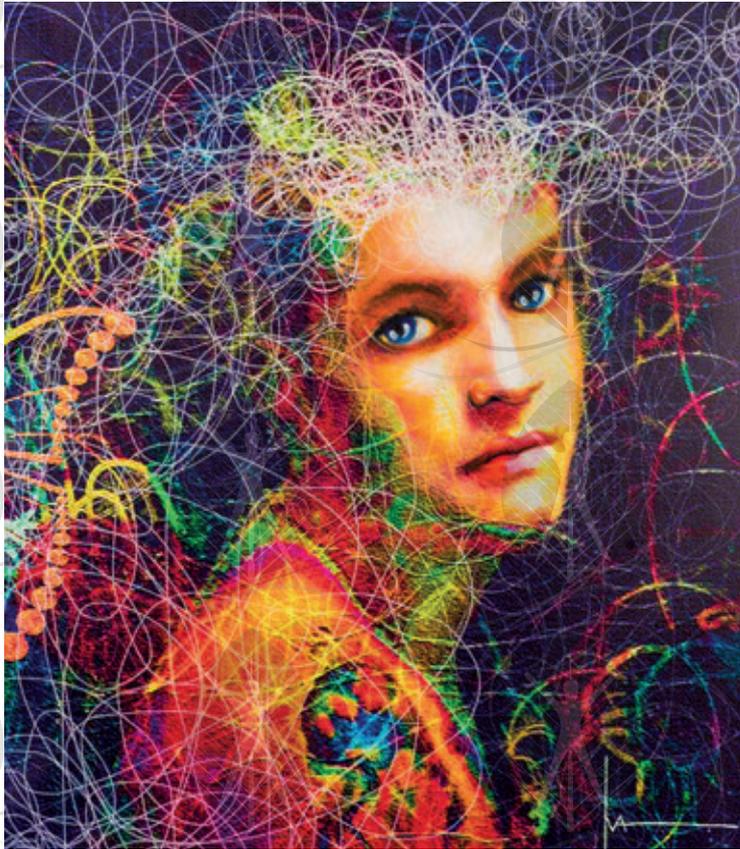
Homero Amazonas

“ Venho de uma família de artistas e músicos. Meu pai, formado em música por holandeses, tocava saxofone todo tipo de instrumentos de sopro. Um tio era luthier. Minha avó tecia e confeccionava peneiras, tipitis e outras peças em palha, modelando tudo em barro. Fui apreendendo tudo isso, produzindo pinturas em argila e outros materiais. No primário, desenhava todos os personagens da História do Brasil. No ginásio, ganhei concursos interclasses nacionais, e fui desenvolvendo e aprendendo o uso de vários materiais. Pintava quadros para amigos. Fiz cursos de desenho e pintura, como o do Instituto Universal Brasileiro, da Universidade de Brasília (UnB), entre outros. Assim, fui me tornando o pintor Homero Amazonas.

Os temas são os da cultura indígena, do surrealismo amazônico, da paisagem amazônica, das visões caboclas, em estilos como Impressionismo e Cubismo. Uso as técnicas de óleo e acrílico sobre tela, e técnica mista.

Circuitos de artes, galerias, museus, isso é tudo para mim e para qualquer artista. Neste evento vou apresentar um grande projeto, “Não desmate, cultura indígena”.





Ana Rio, 2017. Infogravura 01, 86 x 97 cm



Sindri Fogo, 2017. Infogravura 01, 86 x 97 cm



Vitória Terra, 2017. Infogravura 01, 86 x 97 cm



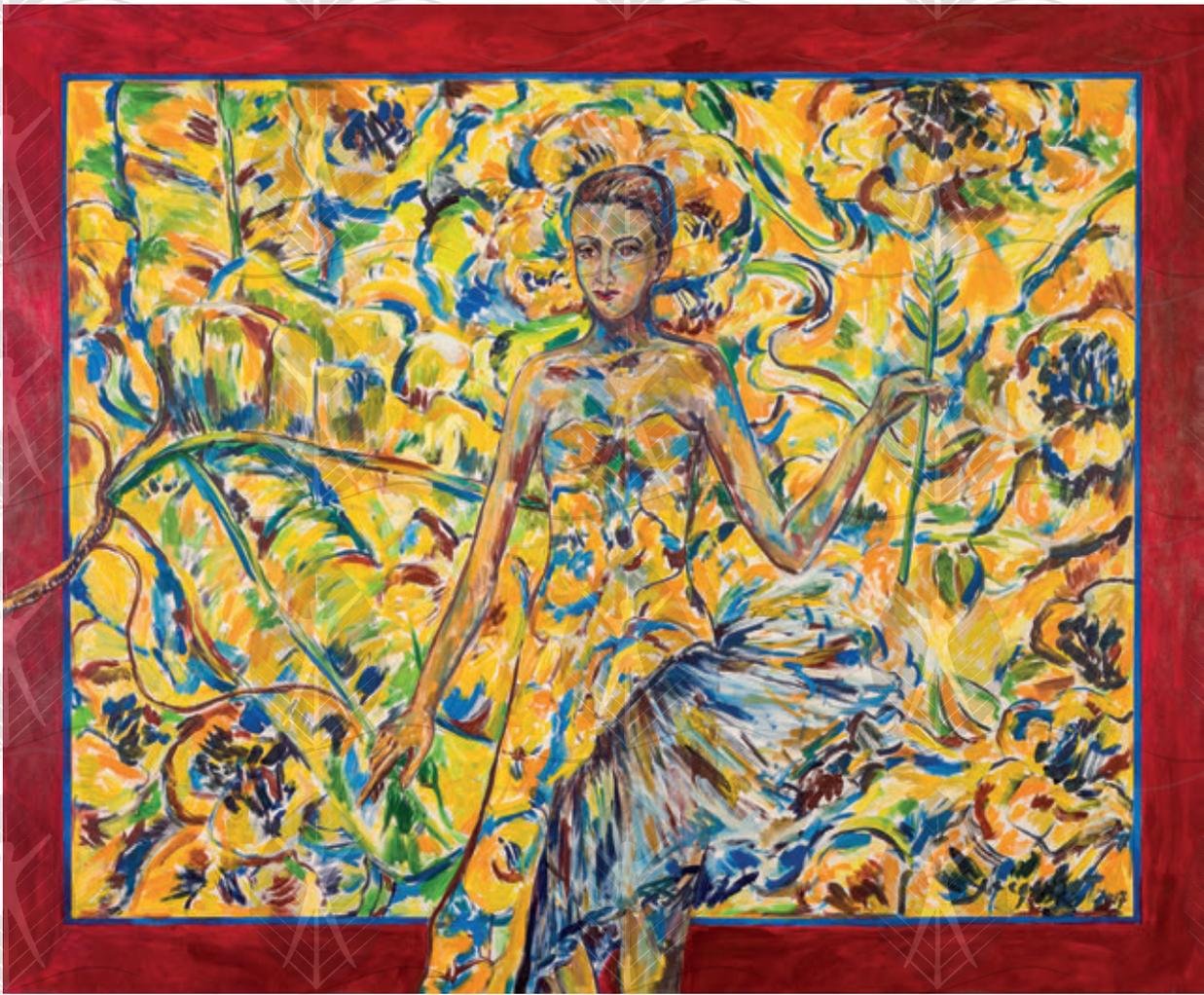
Iva Tai

“ Iniciei na década de 90 no ateliê do artista plástico ir. Miguel de Pascale em Parintins, com ele fazia pinturas e esculturas com temas sacros. Depois trabalhei com escultura em isopor e pintura de adereços alegóricos no Boi Bumbá Garantido. Em meados dos anos 90 entrei na faculdade de Ed. Artística na Universidade Federal do Amazonas, e tive oportunidade de aprimorar técnicas e conceitos, participar de coletivas artísticas, salões de arte em Manaus e no Rio de Janeiro.

Os temas mais presentes são figurações humanas ou de natureza multidimensional em estados de conexão com a natureza, com a cultura, com o cosmo existencial. Expressam sintonias, vibrações, energia, conexões estabelecidas. A linha é um elemento visual que me

dá condições de dinamizar os contextos de significações expressos nas artes visuais que crio. Busco transitar na bi e tridimensionalidade, com o uso de técnicas mistas e suportes tradicionais e contemporâneos.

O Circuito de Artes é um marco na História da Arte Contemporânea Amazonense, sendo integrador, nos dá enquanto artistas visibilidade, incentiva a produção de qualidade e valoriza as artes visuais amazonense e suas necessárias conexões com o público. As obras que trago para o Circuito de Arte são infogravuras, com figurações humanas em conexões com as energias planetária, onde cada ser é natureza, vibração, movimento, vida, cotidiano e realidade multidimensional.



Bailarina amazonense, 2017. Acrílica sobre tela, 140 x 180cm

Jair Jacqmont

“ Comecei vendo minha mãe desenhando em nanquim. Meus temas são paisagens (abstrato/figurativo), banhistas, a cidade de Manaus, além de temas e trabalhos diversos, como casas, interiores, figurinos de teatro, cenários, e projetos como o altar do Papa, a berlinda de N.S. da Conceição, ilustrações e designs ilustrativos. As técnicas com que trabalho são desenhos, aquarelas, colagens, pintura, digital, pintura/construtivo/conceitual, dos tipos neo-expressionista, construtivista, abstrato, abstrato/figurativo, realista, entre outros.

O Circuito de Artes Visuais é um projeto de diversidade artística com diversas linguagens expostas, dialogando entre si. A obra que irei apresentar é “Bailarina Amazonense”, pintura em acrílico sobre tela com dimensões de 180 x 140 cm. O tema é uma espécie de colagens de estilo figurativo, que venho desenvolvendo atualmente.





Série Jaraquiart – Manejo do pirarucú, 2017. Acrílica sobre tela, 200 x 150 cm



Série Jaraquiart – Piracema, 2017. Acrílica sobre tela, 200 x 150 cm



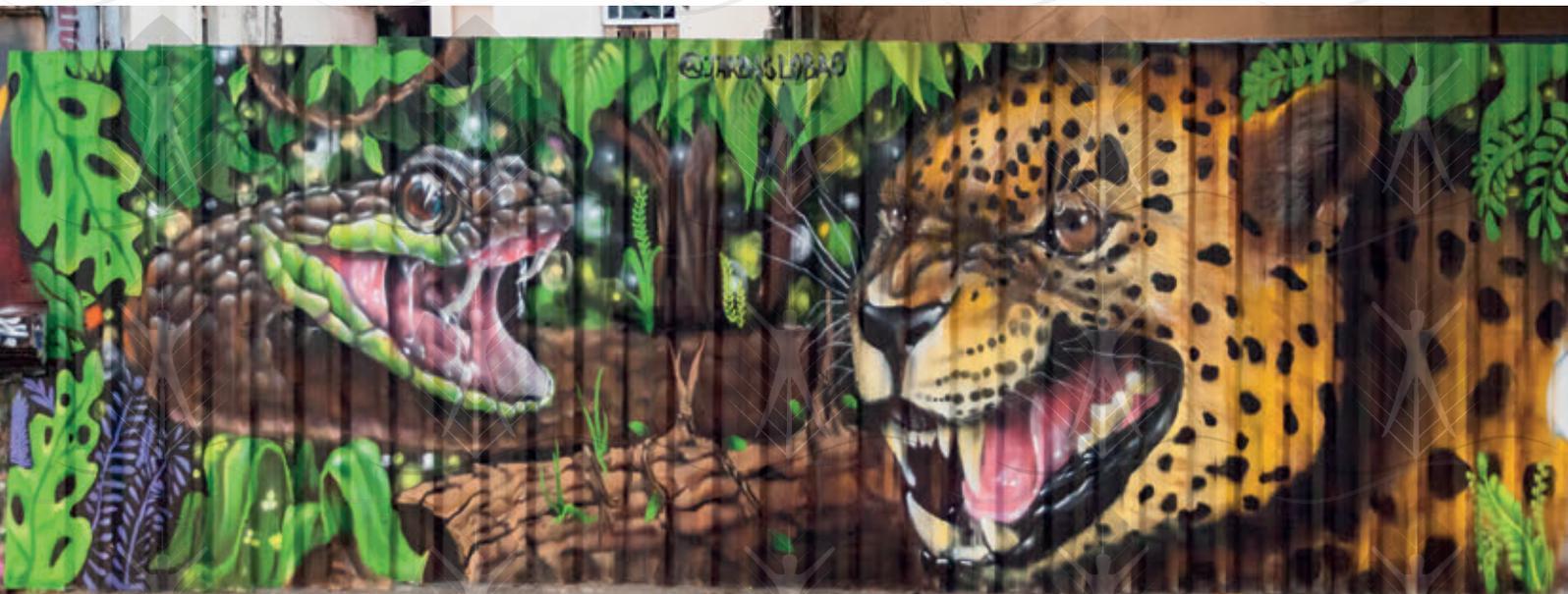
Jandr Reis

“ Desde pequeno já observava minha mãe compondo suas produções em desenho e pintura, fazendo enxovais (roupas de cama, mesa e banho), e por isso acredito que através dela adquiri essa herança artística. A partir dali fui amadurecendo essa veia artística, viajei para Manaus, e em seguida para o Rio de Janeiro, onde estudei na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, onde tive oportunidade de interagir com outros artistas.

A técnica que utilizo continuamente é a acrílica sobre tela, inclusive em outras de minhas séries como as “Picassianas”, que também são bastante conhecidas, com a diferença de serem produzidas sobre papel offset. Outra série em que utilizo acrílica sobre tela é a “Grafite Amazônico”, inspirada em meu “Orquidário Amazônico”, porém com traços em grafite. O “Orquidário

Amazônico” é minha série mais conhecida, estabelecida desde os anos 1990 quando surgiu no cenário das artes visuais. Nela exploro a ideia da decomposição das orquídeas amazônicas, que utilizo como uma simbologia para o resgate da natureza. A deterioração dessas flores estabelece seu papel gerador, quando decomposta e recomposta em microrganismos, e dessa forma abstraído do que foi uma flor perfeita até sua metamorfose.

Para o Circuito de Artes Visuais eu apresento minha série mais recente e que vem agradando o público em geral: “Jaraquiart”, que se traduz como uma nova fase que alia traços do “Orquidário Amazônico” e a técnica de graffiti de maneira estilizada, e também onde utilizo três elementos: o jaraqui e o pirarucu – peixes regionais típicos; o Teatro Amazonas – ícone de nosso Estado; e minhas orquídeas.



Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come, 2017

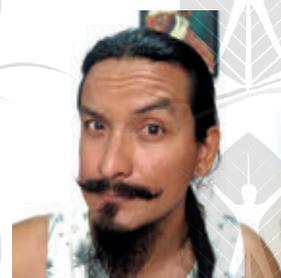
Jarbas Lobão

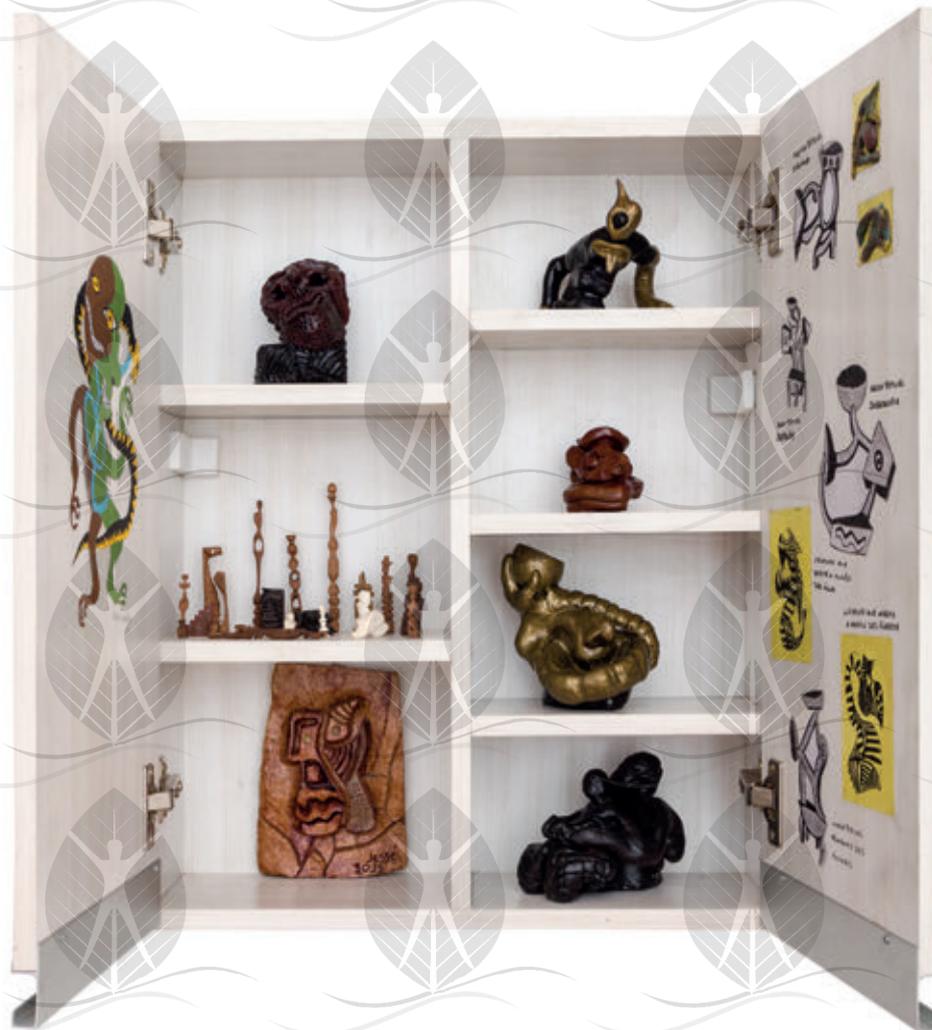
“Primeiramente comecei conhecendo o graffiti no final do ano de 1999, e desde então venho desenvolvendo arte urbana através dessa linguagem. Com o tempo fui descobrindo minha aptidão e minhas habilidades dentro das vertentes das artes plásticas, começando a desenvolver trabalhos como pinturas em tela e esculturas, tanto com isopor como também com argila. Tive a oportunidade de participar de exposições com as técnicas do graffiti e com técnicas de artes plásticas, ambas individualmente ou misturadas em uma só obra.

Represento através dos meus trabalhos a temática regional, como fauna e flora, também representando personagens como os nativos da Amazônia, índios e caboclos, suas vidas e seus costumes. Isso tudo

através do uso de técnicas como o realismo, retratando a imagem fielmente ou fazendo uma releitura da imagem original e/ou criando uma arte autoral.

Posso afirmar que é uma grande honra fazer parte de um evento desse porte e com grandes artistas envolvidos. Fico muito lisonjeado com o convite da Secretaria de Cultura do Amazonas para participar do Circuito de Artes Visuais. Minha proposta de obra é levar a arte de rua através de cores, formas e traços com tinta spray, entre outras técnicas, desenvolvendo personagens regionais e também a fauna e flora da nossa Amazônia com as técnicas do graffiti, para “dar vida” ao tapume que envolve a Santa Casa de Misericórdia de Manaus.





Gabinete de curiosidades, 2017.
Mista (terracota, madeira, osso, pedra, tinta esmalte e acrílica), 60 x 50 cm



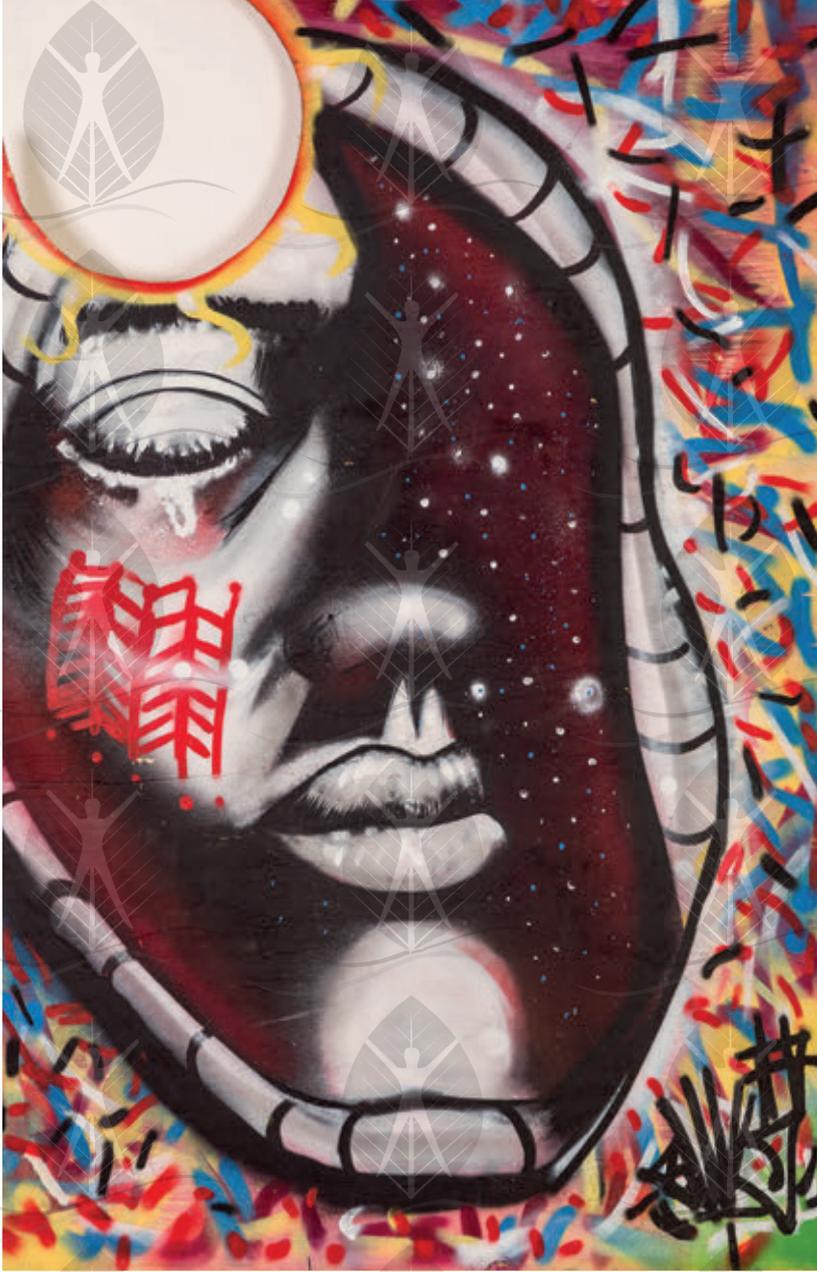
Jessé Araújo

“ Sou autodidata em esculturas, desde criança tenho interesse em aprender técnicas de modelagens em diversos materiais e fui aperfeiçoando a técnica. Já participei de várias exposições em espaços como o Centro Cultural Usina Chaminé, Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos (ICBEU) e Paço Municipal.

Minhas inspirações estão nas pessoas e seres imaginários da cultura regional, que represento através de esculturas em argila, osso, madeira e rocha, esculpidas manualmente e com ferramentas elétricas.

É muito importante participar do Circuito de Artes Visuais, que busca reunir obras de vários artistas regionais.

Minha obra, “Gabinete de Curiosidades” traz uma série de esculturas. Algumas são mínimas – uma tem tamanho de 2 milímetros de altura e outra tem 13 milímetros –, sendo o restante das demais esculturas com tamanhos variados.



As pedras que choram sozinhas, 2017. Tinta spray em madeira compensado, 120 x 90 cm

Johnny Castro

“ Sou autodidata e meu primeiro contato com as artes foi através da pichação, por volta de 1999, quando essa vertente surgiu aqui no Amazonas. De lá para cá venho desenvolvendo minha arte nos quatro cantos da cidade. Já participei de exposições em galerias, oficinas e megamurais, como na Oficina de Grafite da Universidade Federal de Roraima. Participei de um dos maiores encontros de graffiti do Brasil, Meeting of Favela (MOF) – 10 Anos, no Rio de Janeiro, e produzi megamurais como o do Complexo Viário Gilberto Mestrinho, que teve um grande destaque no cenário mundial de graffiti, entre outros trabalhos que hoje fazem parte da arquitetura da cidade de Manaus.

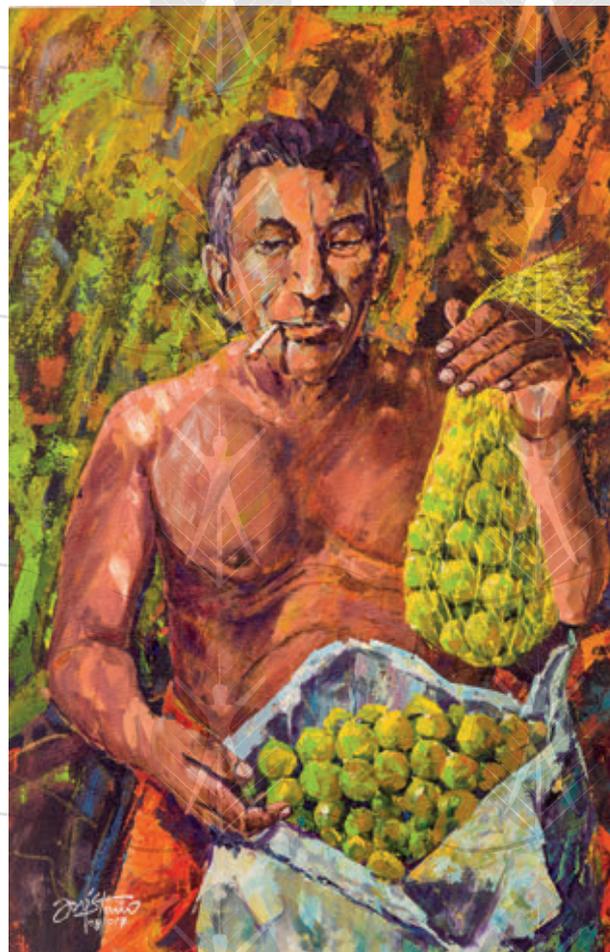
Meus trabalhos retratam um pouco do meu povo, do seu choro, da sua beleza. Suas riquezas, sua culinária, suas guerras travadas com a Natureza. Também desenvolvo personagens que trazem teor de protesto: sabemos que o verdadeiro graffiti de rua tem isso em suas raízes. Minhas influências são o graffiti nacional e o local, que para mim foi onde que tudo começou.

Já participei de algumas exposições, mas nunca nessa proporção. Estou me empenhando pra mostrar algo bom. Fico feliz pelo convite e vou tentar levar um pouco da rua para dentro da galeria, com técnicas de graffiti e um pouco da arte contemporânea atual.





Porto, 2017. Acrílico sobre tela, 90 x 140 cm



Vendedor de tucumã, 2017. Acrílico sobre tela, 140 x 90 cm



José Stenio

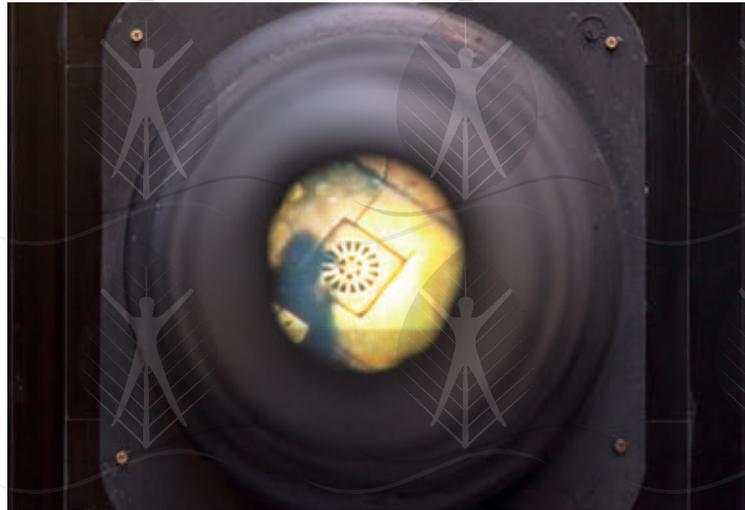
“ Minha carreira artística começou em 2003, quando conheci o mestre Anisio Mello. Com ele aprendi técnicas de desenho e de pintura, e com esse conhecimento e muita dedicação conheci um pouco da história dos mestres do Impressionismo, e segui pintando até hoje.

Retrato em minhas telas assuntos e temas inspirados na Amazônia, que para os artistas locais é uma fonte de inspiração inesgotável. O tema mais presente está relacionado às feiras e mercados de Manaus e tudo o que faz parte desse cenário – peixes, frutas e por aí vai. A técnica é o acrílico sobre tela, estilo solto e espontâneo com características do Impressionismo.

Sobre minha participação, destaco a importância dessa grande oportunidade de mostrar e divulgar minha arte. O projeto é uma porta que se abre para muitos artistas, principalmente para aqueles que estão iniciando a carreira! O projeto está de parabéns por estar dando aos artistas da terra essa oportunidade.



1987 – Sem culpa, 2017.
Impressão fotográfica sobre lona vinílica, 120 x 80 cm



Mãe sem parir, 2017.
Vídeo instalação



Keila Serruya

“ Um artista visual/curador chamado Cristovão Coutinho convidou meu vídeo “Como um mormaço muito quente” para fazer parte da abertura da exposição minimalista do grande artista plástico Oscar Ramos. Minha cabeça deu um giro em 360°, e percebi que poderia utilizar outros suportes para construir minhas narrativas audiovisuais. A partir disso, minhas questões se ampliaram de tal forma que comecei a construir vídeo instalações em espaços urbanos, ampliar minhas formas de construir, ocupar outros espaços e poder existir como artista.

É óbvio que toda produção artística parte de um certo reflexo. Para construir é necessário base, e nós somos nossa própria base de referências. Minhas questões sempre estão muito próximas aos debates sobre gênero, rua, religião e confronto, mas nos meus próximos trabalhos a memó-

ria também estará presente. Memória é consciência do existir. Estou em constante processo de inovação. Minhas obras, até o começo de 2017, eram de vídeo instalação ou vídeo arte, mas acho que esse é um outro momento. As imagens estáticas também falam muito, e minhas novas obras têm mais elementos, mas carregam poder político, porque arte é poder de mudança social.

Vou expor duas obras, todas com nomes provisórios ou sem nome, sendo uma vídeo arte, uma vídeo instalação e uma instalação. Todas as obras têm relação direta com questões pessoais, de retorno, reforço, memória e renascimento.



Curandeiro, 2016. Gravura em acetato, A3



Leite materno, 2016. Gravura em acetato, A3



Mãe, 2016. Gravura em acetato, A3



Kerolayne Kemblim

“Descobri meu interesse pelas artes na Pré-Bienal de Artes Visuais, no Centro Cultural dos Povos da Amazônia, onde o artista Otoni Mesquita participava. Ingressi na Universidade Federal do Amazonas no ano seguinte, no curso de Artes Visuais, onde pude descobrir algumas aptidões, possibilidades e habilidades que eu não imaginava ter. Sendo aluna do professor e artista, Otoni Mesquita, pude receber maior estímulo no fazer artístico, e entender a importância de fazer arte. Isso me faz pensar a importância de exposições artísticas na cidade, intervenções e atividades que envolvam o público.

A mulher, a maternidade, o feminino, a natureza e o misticismo são assuntos recorrentes na minha arte, pois a minha produção se dá pela minha relação com as mulheres e por ser mulher, negra e umbandista. A rotina envolvendo esses três temas tem sido ponto forte na minha produção. A gravura é a técnica que mais me aproxima da minha força interior no ato de gravar, pois fortalece minha intuição e, de uma forma poética, me aproxima do lado selvagem de ser mulher. Isso porque a gravura tem a possibilidade de tornar um sentimento, uma fase, em algo visceral, pois

seu processo é longo, tem fases e etapas, até o momento de expor. Assim, nós mulheres temos a arte para celebrar nossas fases e estações, e assim gravar no nosso íntimo as trajetórias tristes e felizes de ser mulher, de ser mística, negra, filha, mãe, velha e jovem.

Sinto-me feliz pelo convite para participar do Circuito de Artes Visuais, e por compartilhar esse momento com vários outros artistas que admiro. Para mim, é um momento muito inspirador na minha carreira como artista e avanço na produção. Neste circuito, participo com as gravuras “Mulher, alma e espírito. A força que habita o peito”. Nelas, trago representações de mulheres que trazem o misticismo dentro da sua natureza feminina de lidar com as plantas, com a cura, com os ciclos da vida, com a energia vital que habita cada ser. Assim, minhas fontes de inspiração são curandeiras, mães de santos, mães, filhas, jovens, velhas, mulheres de diferentes fazeres que guardam dentro do peito a magia de ser mulher, de curar, de amar, de sofrer, de ser mãe, de crer nelas mesmas e do poder de conectar-se com a grande mãe (A Grande Natureza).



Garantido, 2017. Bordado sobre algodão, 61 x 44 cm



Caprichoso, 2017. Bordado sobre algodão, 61 x 44 cm



Cazumba, 2016. Aquarela sobre papel fabriano 100%, 96 x 76 cm

Lara Bonadiman

“ Um dia sentei à mesa de trabalho e percebi que minha área de atuação corrente (o design) não me fazia tão feliz quanto desejava, embora executasse com facilidade. Passei praticamente minha vida adulta inteira negando algo que gostaria de fazer pelo simples fato de não entender o propósito de sua existência. Comecei a estudar e nesta busca entendi que algumas coisas não precisam ser explicadas, apenas sentidas. Pessoas que possuem esta “potencia de agir” (definição de amor a profissão do prof. Clóvis de Barros Filho) que é de expressar seu cosmos ou caos são artistas, seja qual for a mídia de registro.

A figura humana é curiosa. Gosto de rostos porque cada um conta uma história e passei muito tempo registrando vários. Tinha um apego muito grande à perfeição estética o qual foi derrubado após um tragicômico acidente capilar pessoal. Ao me ver “feia” questionei porque aquilo me afetava e porque não conseguia ver além da estética, e isso me levou a um outro nível de estudo e pensamentos que atualmente direcionam

meu trabalho a questões de identidade mais profundas como o mítico, o lendário, o imaginário, o saber ancestral e tradicional da minha cultura. Há mais de um ano venho trabalhando a temática do Boi Bumbá que rendeu muitos frutos e muito conhecimento, e possivelmente ainda proverá trabalhos futuros.

Como uma iniciante, é uma grande oportunidade poder mostrar um trabalho que me trouxe engrandecimento pessoal e gerou outros trabalhos relacionados à valorização da nossa região. Porém sei que ainda há muito o que estudar e descobrir, até porque como “amazônida” também me falta este conhecimento. Gostaria que nossa cultura fosse mais explorada, mais mostrada, não só ao mundo mas a nós mesmo. Falta o Brasil conhecer o Brasil.

Estou trazendo duas obras que retratam os Bumbás de Parintins bordados com linha em tecido de algodão, tanto figura quanto aparato são itens imbuídos de cultura e tradicionalismo ancestral.





Instalação Super-Heróis, 2017. Impressão em papel fotográfico, 33 x 48 cm
 Vídeo arte Super-Heróis, 2017. Música: Banda Hatechicken



“ Comecei aos 4 anos de idade, copiando e desenhando histórias em quadrinhos. Aos 19 anos, ingresso na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com graduação em Pintura, e desde então exerceo a profissão.

Os temas são dos mais variados, desde a filosofia mais medíocre até a morte do Super-Homem. E as técnicas são as mais variadas, podendo ir do óleo sobre tela até a arte digital.

Quanto à obra/projeto a ser apresentado, será uma vídeo instalação chamada “Super-Heróis”, que aborda as principais editoras de quadrinhos e seus roteiristas, desenhistas e editores a partir da década de 1930 até os dias atuais. O vídeo faz parte do projeto experimental “Hatechicken” (no Youtube, “Hatechicken official”), na modalidade do audiovisual, com animações e músicas, em parceria com os artistas DJ Fabiano Pax e Nívia.

Manausmacaco



O Rei do carimbó, 2017. Acrílica sobre tela, 130 x 130 cm

Marcelo Ramos

“Meu primeiro contato com as artes visuais foi em meados de 2002, no então Centro Cultural Claudio Santoro, ainda no prédio da Rádio Rio Mar, onde tive a oportunidade de absorver de professores(as) artistas, seus mais variados estilos e técnicas. Isso abriu caminho para exposições individuais e coletivas, tanto no circuito alternativo como nos espaços da Secretaria de Cultura do Amazonas, onde tive a oportunidade de negociar trabalhos, receber prêmios, ter obras adquiridas e ser aprovado num edital, o que me impulsionou em busca de uma formação superior. Hoje sou formado em Design e tenho certeza que meu diferencial no mercado é essa base artística, que me permite passear pelos mais variados processos de produção, desde a pintura à fotografia.

Sou extremamente apaixonado por características culturais que definem a essência do local, sua dança, arquitetura, música, culinária, folclore, de

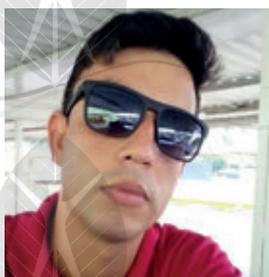
Norte a Sul do país temos a oportunidade de absorver cenas maravilhosas, que procuro sempre transpor para a tela de uma forma figurativa, mas com uma explosão de cores irreais, em pinceladas rápidas quase que abstratas, sem compromisso de fidelização anatômica ou obediência na paleta de cores.

Estou encarando esse convite como um reencontro com as artes visuais. Irei apresentar a obra "O Rei do Carimbó", produzida em acrílica sobre tela, com 1,30 x 1,30 metros. É uma singela homenagem ao icônico cantor Pinduca, lenda viva e figura folclórica que encanta a todos com sua música, sua dança e suas cores. Pinduca é a essência amazônica personificada, Pinduca é movimento, vida, cor, amor. Pinduca é arte!





Mais do mesmo, 2017



Marcos Sonek

“ Comecei no ano de 2001, quando fiz o primeiro graffiti na rua da minha casa, depois fui expandindo ele pelas ruas de Manaus, Brasil e Europa. Nessa época o graffiti era muito discriminado, e sofriamos muita repressão policial e social para fazer o mesmo. Com o decorrer do tempo, a repressão foi diminuindo e a sociedade foi enxergando o graffiti com o olhar artístico.

O que está presente na minha arte é o cotidiano, próprio e alheio. Com ela mostro enigmas urbanos e a vida como ela é, representados com os estilos Wild Style e Personagem. Nos personagens incorporo o “Chico”,

que retrata o cotidiano da sociedade, e o Wild Style compara o embaraço do dia a dia do povo brasileiro. Em todas as artes utilizamos látex e spray, basicamente como técnicas.

Tenho muito empenho e dedicação no conceito artístico do Circuito de Artes Visuais, e a obra que trago retrata o cotidiano com técnicas de graffiti. A iniciativa do projeto é importantíssima para a disseminação artística na cidade de Manaus como um todo.



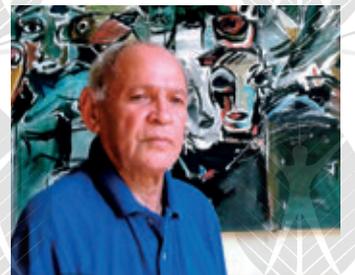
Sem título, 2016. Acrílica sobre tela, 40 x 160 cm



Sem título, 2016. Acrílica sobre tela, 100 x 80 cm



Sem título, 2017. Acrílica sobre tela, 90 x 70 cm



Mário de Paula



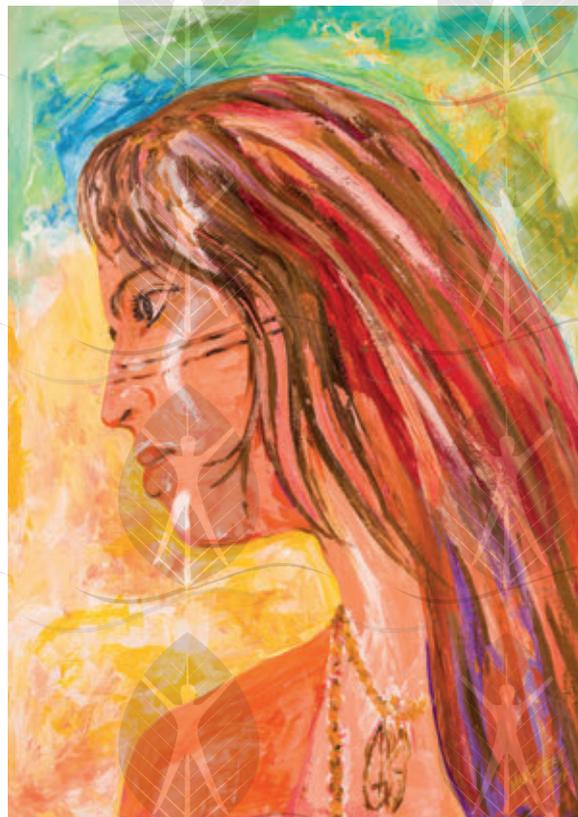
Comecei pintando retratos e trabalhando como desenhista em agências de propaganda. Particpei de coletivas de artes plásticas promovidas pelo Clube da Madrugada.

O tema predileto nos meus trabalhos é a figura humana. Tento me expressar em diferentes meios como o desenho, pintura e colagens, buscando sempre a variedade.

Sobre o Circuito de Artes Visuais me sinto honrado pelo convite e participo com três obras em acrílico sobre tela.



Moça, 2017. Acrílico sobre tela, 80 x 50 cm



Moça, 2017. Acrílico sobre tela, 80 x 50 cm



Marius Bell

“ Eu pintava os cartazes de filmes para os cinemas de Manaus, e certo dia o empresário Joaquim Marinho, que tinha uma rede de cinemas no centro da cidade, me perguntou: “Por que você não pinta telas?”. A partir daquele momento comecei a pintar alguns personagens do cinema mundial, como Humphrey Bogart, Greta Garbo, Grace Kelly, Bruce Lee, entre outros. Quando me dei conta, estava expondo com 15 telas na Galeria do Banco Itaú, onde existia o saudoso Cine Guarany, e com direito a uma linda matéria no jornal escrita pela jornalista e escritora Leyla Leong, em 1994.

Na minha arte eu diria que os temas mais presentes são a representações de pessoas e animais, creio que em razão de ter pintado muitos cartazes de filmes ao longo da minha vida. Gosto de vários temas – social, político, religioso e até natureza morta, porém eu não abordaria temas sobre a

pobreza. Procuro sempre representar esses temas fazendo uso de diversos materiais, como tintas guache, óleo, acrílico e de outros. Não querendo imitar o Millôr Fernandes, eu digo que não tenho estilo. Geralmente pinto só o que gosto e, quando se trata de uma encomenda, o que o cliente desejar, desde que eu saiba o que ele quer e se eu terei capacidade de atendê-lo satisfatoriamente.

Quero aqui expressar o meu encantamento em poder participar do projeto Circuito de Artes Visuais, que certamente vem impulsionar esse segmento em diversos locais do centro de Manaus e principalmente no entorno do Largo de São Sebastião. Para esse evento, apresento duas obras inéditas, cujo tema são pessoas e que tenho certeza irão agradar os olhares mais sensíveis.



Serie Essencial tipo 6 n°44 pipa/papagaio, 2016. Acrílica sobre tela, 80 x 80 cm



Carrefour, 2017. Látex pva sobre tela, 60 x 55 cm

Monik Ventilari

“ Minha carreira começou depois que eu fiz o curso de formação em Artes Visuais no Liceu de Artes e Ofícios Claudio Santoro, em 2006, no entanto sempre tive interesse em artes visuais, em cinema, desde a adolescência. Iniciei os estudos em casa e posteriormente fui buscar formação específica em Artes Visuais.

Os temas presentes no meu trabalho artístico estão no cotidiano manauara, urbano, as cores e formas da cidade, detalhes, fragmentos, presentes nos papagaios dos meninos, na geometria dos prédios, casas, ruas e lembranças de paisagens modificadas da cidade.

É um prazer participar do Circuito de Artes Visuais, que é um retrato das artes visuais neste momento na cidade de Manaus. Para esse evento trago uma obra chamada “Papagaio”, parte de uma produção maior chamada “Essenciais”, com cores e formas primárias. Outra se chama “Carrefour”, que em francês quer dizer, esquina, encruzilhada, da série Verde.





Golden Girls, 2017.
wAcrílica sobre madeira, 49 x 40 cm



Cat Gang, 2017.
Acrílica sobre madeira, 128 x 50 cm



Marieta flechada, 2017.
Acrílica sobre tela, 120 x 60 cm



Nádja Kristhina

“ Comecei minha carreira nas artes quando entrei para o curso de desenho técnico na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 2009, e lá conheci o ateliê de pintura da Escola de Belas Artes, o que me despertou interesse por essa área. Em 2010, comecei a estudar Artes Visuais na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), e iniciei minhas produções artísticas que me levaram a participar de exposições e fazer parte da cena dos novos artistas de Manaus.

Nas minhas produções costumo representar a figura feminina e seu mundo abstrato de sentimentos, às vezes em forma de menina; em outras, de mulher. Eu me utilizo mais comumente da pintura sobre madeira e do grafite como linguagens para me encaixar no estilo Pop-Surrealista.

Estou contente em participar do Circuito de Artes Visuais e pretendo contribuir com uma síntese preciosa da minha identidade artística na forma de três obras que serão exibidas em galeria.



Auto retrato sonhando: Observado de fora, 2017.
Mista (pintura acrílica sobre madeira, molde e escultura em gesso), 68 x 48 cm



Auto retrato sonhando: Observado de dentro, 2017.
Mista (pintura acrílica sobre madeira, molde e escultura em gesso), 68 x 48 cm



Auto retrato sonhando: coruja, espiral e partículas subatômicas, 2017.
Mista (pintura acrílica sobre madeira e pó de gesso), 68 x 48 cm

Nelson Falcão

“ Desenho, pinto e faço modelagem desde a infância. O que chamava a atenção tanto na escola quanto em casa. A ideia de ser artista sempre esteve presente na minha vida, apesar de preconceitos e expectativas que acabaram por velar esse chamado. Especialmente na adolescência, diante a decisão da minha formação profissional, a escolha da Arte como profissão era apenas um eco distante, um sonho. Aos 27 anos fui para Faculdade Belas Artes de São Paulo.

Os Mitos Universais e amazônicos norteiam a minha pesquisa e produção como artista visual. A experiência mítica e sua abordagem metafísica tornaram-se minha busca constante na vida e na arte. Seria então o papel da Arte o da atualização mítica? Eis a questão que move minha obra.

Sobre o Circuito de Artes Visuais promovido pela SEC, posso dizer que qualquer iniciativa que leve a Arte para seu verdadeiro lugar - dialogando como o público - será sempre uma iniciativa louvável. Quando falamos de um circuito, tudo fica ainda muito melhor, pois aí o alcance de público e a variedade de técnicas, estéticas e poéticas das obras criam múltiplas experiências entre artistas, obras e espectador.

Participo nesta exposição com uma obra inédita, um desafio que estabeleci a mim mesmo de criar um auto retrato, algo que traz uma série de questões sobre identidade, vaidade, personalidade, ego, sombra, introspecção, autoconhecimento. A série “auto retrato sonhando” surgiu de uma inquietação que esteve sempre presente nas minhas reflexões entre os porquês da Arte e o conceito de auto retrato. Das convenções clássicas às auto representações dos artistas vanguardistas, o que mais me fascinava nessa ideia era o desafio de o próprio artista se transformar em seu objeto de investigação, não meramente técnica, mas definitivamente, poética. Nesse sentido, uma das minhas referências foi a obra literária O Retrato de Dorian Gray, sua imersão profunda nas sombras de si mesmo. Por outro lado, durante o processo de construção da obra, foram surgindo arquétipos que optei por incorporar a composição. Acredito que esses símbolos serão fundamentais para se estabelecer uma ponte, um diálogo estético, entre espectador e obra.





Pingo D'água, 2014. Óleo sobre tela, 130 x 160 cm



Open Arte Colunas, 2015. Óleo sobre tela, 130 x 160 cm



“ Desde criança tinha pendor para as artes, para a pintura em especial, mas de início eu nem conhecia os materiais. Um dia, passando por uma banca de revista, vi na capa um tubo de tinta, e lendo a publicação foi que vim saber que era material para pintar uma tela. Era o começo de um artista que queria produzir trabalhos. Essa descoberta foi um grande incentivo para mim. Ainda muito novo, menino besta, quando ia à igreja achava que era Deus quem fazia aquelas pinturas no teto! (risos)

Mais tarde fiz um curso de pintura por correspondência pelo Instituto Universal Brasileiro, aprendendo a preparar as tintas, os pincéis e tudo o mais. Mas nunca fiz estudos formais na escola ou na faculdade, sempre aprendi por conta própria. E só depois tive contato com livros de arte de nomes como Monet ou Van Gogh.

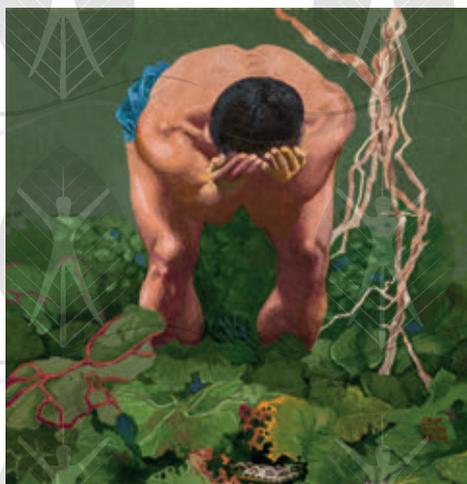
Sempre fui interessado nos temas do interior e da floresta. Nas pinturas, uso óleo sobre tela, e os estilos que sempre busquei seguir foram os de Monet e Van Gogh. Mais recentemente, quando estive na Europa, conheci o trabalho de Victor Vasarely em Op Art, e hoje também produzo alguns trabalhos nessa linha.

Acredito que o Circuito de Artes Visuais é um grande projeto, que deveria ser realizado todos os anos. A cidade precisa de arte, pois uma cidade sem arte está em guerra. Trata-se de um incentivo para os artistas locais, pois existem muitos artistas em Manaus, mas precisam de lugares para expor sua arte. Nos lugares onde estive por aí fora, a arte é vista como bem público, e os governos oferecem espaços para exibição de arte para o grande público. Manaus precisa disso também.

Noleto



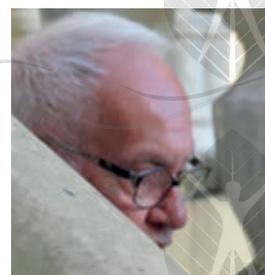
Curumim Nijinski, 2009. Óleo sobre tela, 51 x 48 cm



Orfeu chora a morte de Eurides, 2009.
Óleo sobre tela, 23 x 22 cm



Orfeu desce aos Infernos, 2009.
Óleo sobre tela, 29 x 29 cm



Óscar Ramos

“ Comecei com Ivan Serpa, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Depois de passar três ou quatro anos no Rio, eu soube do curso de Pintura Livre que ele estava oferecendo no museu e fui falar com ele. Ivan me aceitou no curso, e eu me dei muito bem com ele, apesar dele sempre ter sido muito reservado, ao menos comigo. Ainda assim ele foi muito estimulante, a certo ponto tendo me dito, “Você não tem nada mais a aprender aqui, vá desenvolver sua arte lá fora”. Depois disso, apresentei meu trabalho no Prêmio Homenagem a Dante, do Governo da Itália, e fui escolhido vencedor. Com isso viajei para a Espanha, na época da Nova Figuração, com artistas que estavam fazendo o maior reboiço no território da arte.

Meu tema mais presente é a busca de um equilíbrio matemático. Mesmo quando não estou fazendo arte geométrica, sou incapaz de olhar para a

tela e não ver uma estrutura a ser obedecida. O espaço, para mim, sempre tem uma ordem. Mesmo que se trate de uma tela toda branca, eu olho e vejo uma ordem. Seja trabalhando com pintura, colagem, maquete, sempre estou diante de um espaço que tem uma estrutura e uma ordem a serem seguidas.

As obras que irei apresentar exigiram enorme coragem, pois são extremamente acadêmicas, resultados de uma época de desespero em que resolvi, pura e simplesmente, esquecer de tudo quanto é regra que aprendi. Duas delas são temas de Orfeu e Eurídice – uma delas com Orfeu às portas do Inferno, e outra com ele no momento em que Eurídice morre picada por uma cobra. A terceira obra é um bailarino, um Nijinski caboclo. São óleos sobre tela em tamanhos pequenos.



Para que possas imaginar e sonhar, 2017.
Acrílica sobre tela, 150 x 80 cm

Habitantes dos sonhos, da imaginação e da memória, 2017.
Acrílica sobre tela, 150 x 80 cm

Não procure razão na lógica das nuvens, 2017.
Acrílica sobre tela, 150 x 80 cm



Otoni Mesquita

“Comecei a desenhar muito cedo, antes de escrever. Mas só comecei a expor em 1975, por iniciativa do artista Manuel Borges, quando era meu professor no Curso de Iniciação ao Desenho e Pintura, na Pinacoteca do Estado. Em 1979, fui premiado no Salão Universitário e somente no ano seguinte é que fiz a minha primeira exposição individual, Futurbano, no hall do teatro Amazonas. Neste mesmo ano, segui para o Rio de Janeiro, onde me graduei em Gravura, na Escola de Belas Artes na UFRJ.

Grande parte de minha carreira me apresentei como um artista figurativo, tendo preferência pela figura humana, animais, paisagens e construções. Nem sempre representados de forma óbvia, apresentando tendências simbolista e surrealista, além de outras. Ao retornar a Manaus, em final de 1983, me tornei um artista mais experimental, investigando va-

riados materiais expressos não convencionais da região. Em 2003, iniciei minhas investigações com a gravura digital e outras expressões digitais, iniciando também a produção de vídeos alternativos.

Estou exibido o tríptico “Habitantes dos sonhos, do imaginário e da memória”; Para que possas sonhar e imaginar; Não procure razão na lógica das nuvens”.

A obra pode ser interpretada como uma cena ritualística que se passa mundo imaginário ou plano espiritual. Mas, pode remeter a imagens de um culto da Idade Média ou a configurações de um rito de algum povo andino. Se trata de uma criação, portanto, impregnada por diferente referenciais, sem uma delimitação de tempo, nem espaço. A disposição da narrativa visual pretende sugerir a mudança de cenas que se transformam de um quadro para o outro, revelando diferentes estágios do processo de criação.



Fogo-fátuo, 2017. Acrílica sobre tela, 80 x 60 cm



A Morte da Lenda, 2017. Acrílica sobre tela, 60 x 80 cm

Pablo Cunha



Em 19 anos de vida, a arte sempre esteve ao meu lado, desde os 3 anos indo ao teatro, aos 14 no violão, até os 17 anos começando a faculdade de arquitetura e urbanismo.

A pintura e desenho, ao contrário de muitos artistas, não fez parte da minha trajetória desde cedo. A motivação veio a pouco tempo, cerca de 1 ano e 8 meses, comecei a dar os primeiros traços em um momento difícil, e por motivo maior transformei aquela dor em cores e luz para me resgatar. Buscando conhecimento, no decorrer de 2016 ingressei no Liceu de Artes e Ofícios Claudio Santoro, onde fui feliz de ser o vencedor do concurso de desenho "Uma Carta de Amor para Manaus", com a obra "Raízes Caboclas".

Tenho levado meu trabalho em exposições por Manaus desde então, que me proporcionaram momentos incríveis, principalmente a aproximação com as pessoas, a troca de experiências é sempre fantástica. Tenho em mente que sou jovem, estou em processo de aprendizado, mas a cada dia que passa agradeço pelo caminho iluminado que a arte vem me guiando.



Sempre procuro trazer luz nas criações, meus sentimentos, lembranças, criando intimidade com quem observa. A arte tem por finalidade transformar a vida das pessoas e ela se posiciona de forma a conscientizar os valores que as vezes deixamos passar, despercebidos no "corre corre" do dia a dia. Mas também, anos vivendo debaixo de raízes amazônicas me fizeram apaixonado, uma terra mágica, repleta de lendas, que passam por gerações, lugares que acumulam camadas de tempos e sensações.

Sobre técnicas que tive contato até agora, gostei de lidar com as tintas nanquim, aquarela e acrílica. Estilo é algo que estou buscando, na minha mente é sempre uma eterna descoberta. Gosto de cores vibrantes, pinceladas livres e precisas, o jogo de ilusões que tudo isso causa quando combinado, me fascina.



Tilheiro: I-II-III, 2017.
Instalação – vinil adesivo sobre mdf, 50 x 70 cm



Paulo Trindade

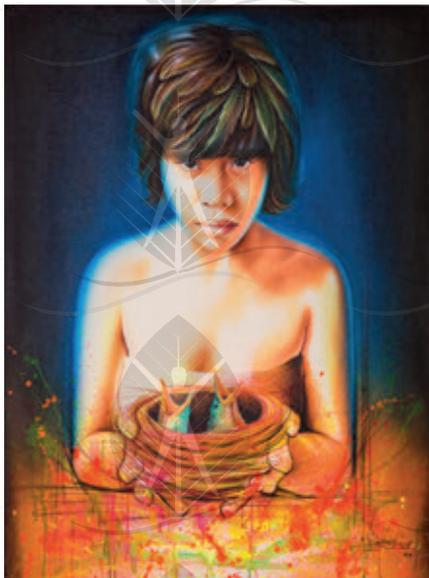
“ Minha primeira exposição foi a “Novos Talentos” realizada pelo Instituto Cultural Brasil Estados Unidos em 2004. Nasci em Manaus e morei por onze anos em Parintins. Meus avós tinham uma marcenaria no quintal. Tive contato com desenho, entalhe em madeira, projeção e produção de objetos, pintura, serigrafia, trabalhos manuais e ideias. A brincadeira do Boi-bumbá é uma vivência a parte. Cursei Produção Mecânica em Manaus. Praticava desenho técnico e experimentava materiais para indústria nos laboratórios da Escola Técnica. Nesse momento foi um amigo que me indicou o curso de Artes Plásticas da Ufam onde me formei anos depois. Junto com outros artistas criamos o Coletivo Difusão, um ambiente fértil para reflexão, formação, produção, comunicação e circulação da produção cultural realizada no Amazonas.

Estabeleci uma afetividade por tudo que envolve a Amazônia. Isso aconteceu desde “O Cancioneiro”(2004), personagem da cultura popular representado em uma pintura sobre papel. A instalação “Que caráter uso hoje?” (2005), abordou questões sociais e suas consequências. A

fotografia aparece como registro poético na série “Rio Espera” (2005), “Mãos dadas” (2005), “Maniuará” (2009), “Embarcações” (2011) e outros experimentos do Laboratório de Moda do Coletivo Difusão entre 2010 a 2012. “Manaus Urbanus” (2007) é marcada pelo uso do estêncil sobre madeira e isopor, além de videoarte. A série continuou em 2009 num remix de fotografias do período da borracha disponibilizadas pelo IPHAN/MinC. “Sol, Chuva e o guarda-chuva-solbrinha”, “Nova Neve” (2009) e “DoAvesso” (2009) foram concebidas a partir do vídeo. A série “Olhar brasileiro no contexto global” (2015) são sobreposições de imagens na qual a instalação “Tilheiro” (2017) se utiliza da mesma técnica com uma paisagem sonora. É uma honra participar do Circuito de Artes com tantos artistas e experiências diversas paralelo às comemorações do Jubileu de Ouro da Pinacoteca do Estado do Amazonas. A instalação “Tilheiro” faz uma homenagem meus avós Neide, Seu Didi, Dona Léo, Romualdo Farias, todas trabalhadoras e trabalhadores da carpintaria naval situados à margem da Lagoa da Francesa no município de Parintins no Amazonas.



Enquanto ainda podemos tocar e ser tocado, 2017.
Mista (predominância aerografia), 140 x 100 cm



Protetora, 2017.
Mista (predominância aerografia), 140 x 100 cm



Quando o corpo fala d'alma, 2017.
Mista (predominância aerografia), 140 x 100 cm

Pito Silva

“ Desde minha infância tenho uma grande relação com a arte em especial com o desenho, a pintura e a dança. Venho de um ambiente familiar que respira arte, cresci vendo meus irmãos e seus amigos pintando e esculpindo na sala da casa da minha mãe. Sempre gostei, mesmo quando não sabia exatamente o que significava.

Sempre me saía melhor nos trabalhos escolares quando se tratava de algo relacionado à arte, ao invés de colar figuras para ilustrar um texto. Em 2003 tive aulas de pintura com meu cunhado (Lenilson Bentes), que duraram uma semana, mas foram fundamentais para meu desenvolvimento artístico, em 2005 comecei a produzir telas a óleo sob a orientação do professor e artista Josinaldo Matos, atualmente sou licenciado em Artes Visuais.

Trabalho com temas variados, porém o que predomina é o humano, busco transmitir a força das expressões tanto facial quanto corporal, não só

físico, mais também sensível, entendendo que o olhar, o sorriso, o corpo e as demais expressões humanas dizem muito, e para mim são ferramentas fundamentais, se tratando de uma arte silenciosa como a pintura.

No campo das Artes Visuais, eu sou apaixonado e desenvolvo somente a pintura, e isso fez com que eu não me prendesse em uma só técnica, no entanto meus trabalhos se caracterizam tecnicamente de uma diversidade influenciada por alguns estilos como, o Surrealismo, impressionismo, Grafite e principalmente o Hiper realismo.

Participar do circuito sem dúvidas para quem ama, produz e vive a arte como eu vivo, é plantar em terra fértil. Pois não somente no momento da exposição, mas como também no processo que à antecede, nós somos estimulados positivamente a produzir, a nos desafiar e a nos conhecer melhor enquanto artistas.

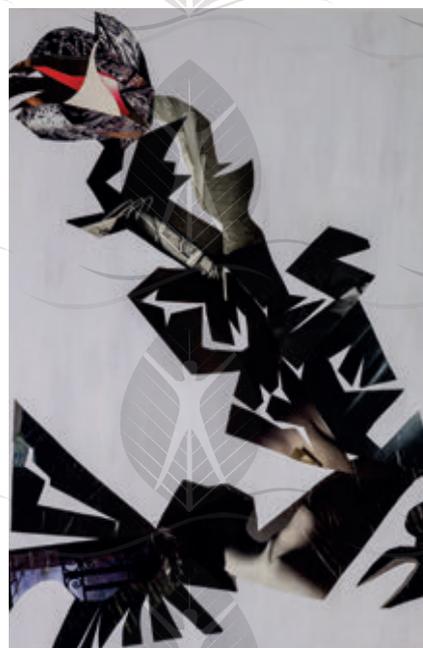




Crystalline, 2017, Colagem, 73 x 86 cm



La Vie in rose, 2016. Colagem, 65 x 84 cm



Salto no escuro, 2017. Colagem, 108 x 84 cm



Polly D'Avila

“ Em 2002 iniciei meus estudos em Artes Plásticas na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Desde então, comecei a participar de exposições coletivas com pinturas, instalações e performances artísticas. Também estive envolvida com a produção de vídeos e fotografias. Em 2014 fiz a primeira exposição individual, “Ballerinas”, no Casarão de Idéias, em Manaus, onde apresentei pinturas de mulheres bailarinas dentro do seu fazer artístico.

O corpo humano em suas diversas formas e movimentos tem sido tema de estudo desde o início da minha carreira até os dias atuais. Portanto tenho produzido fotografias e pinturas de pessoas, na busca de refletir sobre a matéria e a não matéria. Em paralelo a isso, desde 2015 as colagens fazem parte de uma outra exploração que vai além do corpo, de formas, cores, sons e texturas.

Para o Circuito de Artes Visuais estou apresentando três colagens que foram produzidas entre 2016-17 com temas, cores e formas diferentes. A colagem azul “Crystalline” foi a primeira da série de maior tamanho que tem como tema os cristais encontrados na natureza e a música de mesmo nome da cantora Björk. A colagem vermelha “La vie en rose” remete a um período de paixão e romance percebidos na interpretação de Edith Piaf. A colagem preta “Salto no escuro” faz alusão ao momento da vida em que precisamos saltar sem medo diante de decisões e oportunidades.



A flor dos teus olhos me prendeu, 2017. Acrílica sobre tela, 60 x 100 cm



Criatura 1, 2017. Acrílica sobre madeira, 77 x 65 x 50 cm

Criatura 2, 2017. Acrílica sobre madeira, 72 x 84 x 65 cm



Priscila Pinto

“Comecei minha carreira artística com ilustrações e pinturas em técnica tradicional. Em 2001, participei da minha primeira exposição no Salão de Artes Novos Talentos, na Galeria do ICBEU. A partir de 2004, passei a expor com mais frequência, principalmente na Galeria do CAUA-UFAM e nos centros culturais da SEC. No decorrer dos anos, ganhei prêmios em artes visuais e poesia; participei de cinco exposições individuais e dezenas de coletivas, tendo experimentado técnicas e materiais diversos, em um diálogo com os elementos que me cercam culturalmente, com o meu cotidiano.

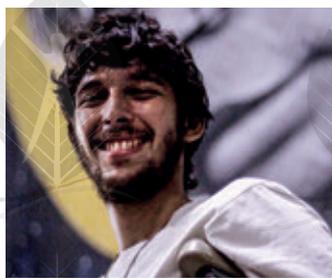
Como temas mais presentes em meu trabalho, cito a memória, o meio ambiente e questões do feminino. Utilizo diversas técnicas e mídias para criar uma visão particular das relações que enxergo entre cultura e natureza, baseada na minha experiência de vida na Amazônia. Para tanto, uso desde elementos naturais, como cipós e raízes, até materiais mais contemporâneos, como acrílico e LED. Assim, no meu processo de criação, eu me expesso tanto pelo fazer manual como pelo digital, tanto no bidimensional quanto no tridimensional, procurando abrir canais de per-

cepção por entre realidades possíveis. Tudo gira mais em torno dos conceitos que permeiam minha obra do que de um “estilo” contínuo, embora consiga vislumbrar características e temáticas que se repetem em séries de trabalhos meus e perceba as ligações entre os mesmos no decorrer de minha carreira, como cores, linhas, palavras, luzes e sobreposições, que constroem meu percurso poético.

A iniciativa da SEC em criar este circuito é importante para mapear e apresentar a produção atual no campo das artes visuais em Manaus. Para o circuito, apresento obras inéditas de OrgâniKa, projeto de 2017: são trabalhos com diferentes suportes e materiais, que se comunicam visualmente tomando como referência a natureza abstraída, revelando conceitualmente a constante transformação da vida, expandida no macro e contida nos microrganismos, nas possíveis camadas entre o visível e o invisível. As obras podem ser observadas tanto na claridade quanto sob a luz negra, convidando o espectador a interagir e a descobrir outras possibilidades de perceber e imaginar o mundo.



Renascer, 2017



Raiz Campos

“ Sempre gostei muito de desenhar, e isso sempre fez parte de mim e da minha essência. Mas foi em uma revista de skate, por volta dos meus 11 anos, que me identifiquei com os grafites estampados nas rampas. Internamente, eu senti que era aquilo que queria fazer e comecei a buscar meios para tal, mesmo com a dificuldade que é morar no interior, o que limitava meu acesso aos materiais e ao próprio conhecimento do que é arte urbana, já que em nada ali estava estampado esse tipo de arte. Então, a passos lentos, fui aprendendo sozinho. Comecei a fazer traços de desenhos, a reproduzir personagens, e me arriscava em fazer algumas letras. Tudo isso com poucas opções de cores em spray, mas meu pai sempre ajudou a ter acesso a esse material. Ele foi meu primeiro incentivador para que eu desenvolvesse essas técnicas.

No geral, a Amazônia modeliza meu trabalho, é ela que me traz inspiração. Porém, o que está muito presente nas minhas criações é a questão indígena, os povos nativos da Amazônia. Eu procuro demonstrar meu amor e respeito através das pinturas como forma de resgatar seu próprio valor, para

que a população amazonense possa valorizar os nativos, os verdadeiros donos da terra, pois eles não só merecem respeito, mas também apoio à integração necessária em nossa sociedade, com seus saberes, seus valores e suas morais. Avançamos muito em tecnologia e em ensino, mas pouco em moral, verdade e consciência. Faço a representação da cultura dos povos nativos e enfatizo bastante a expressão para que as pessoas possam se identificar e se sensibilizar, para que a arte abra suas mentes para receber essas informações sobre a cultura indígena.

Minha participação no Circuito de Artes Visuais vai ser com o grafite. Estarei fazendo uma obra autoral exatamente relacionada com a cultura indígena e a cultura amazônica, transmitindo respeito e evidenciando a valorização da cultura original da Amazônia. Quero que as pessoas vejam os índios como parte integral da nossa cultura, pois o que a gente come, o que a gente fala, tudo vem da cultura deles, e é preciso lembrar. Espero que eu possa atingir meu objetivo de transmitir esses valores e de, principalmente, interagir e compartilhar minha arte com outros participantes.



Gaia: a divina natureza, 2017.
Aquarela sobre papel, 29 x 21 cm



Menina Flôr, 2017.
Aquarela sobre papel, 29 x 21 cm



Pensamentos florescem, 2017.
Aquarela sobre papel, 29 x 21 cm

Rakel Caminha

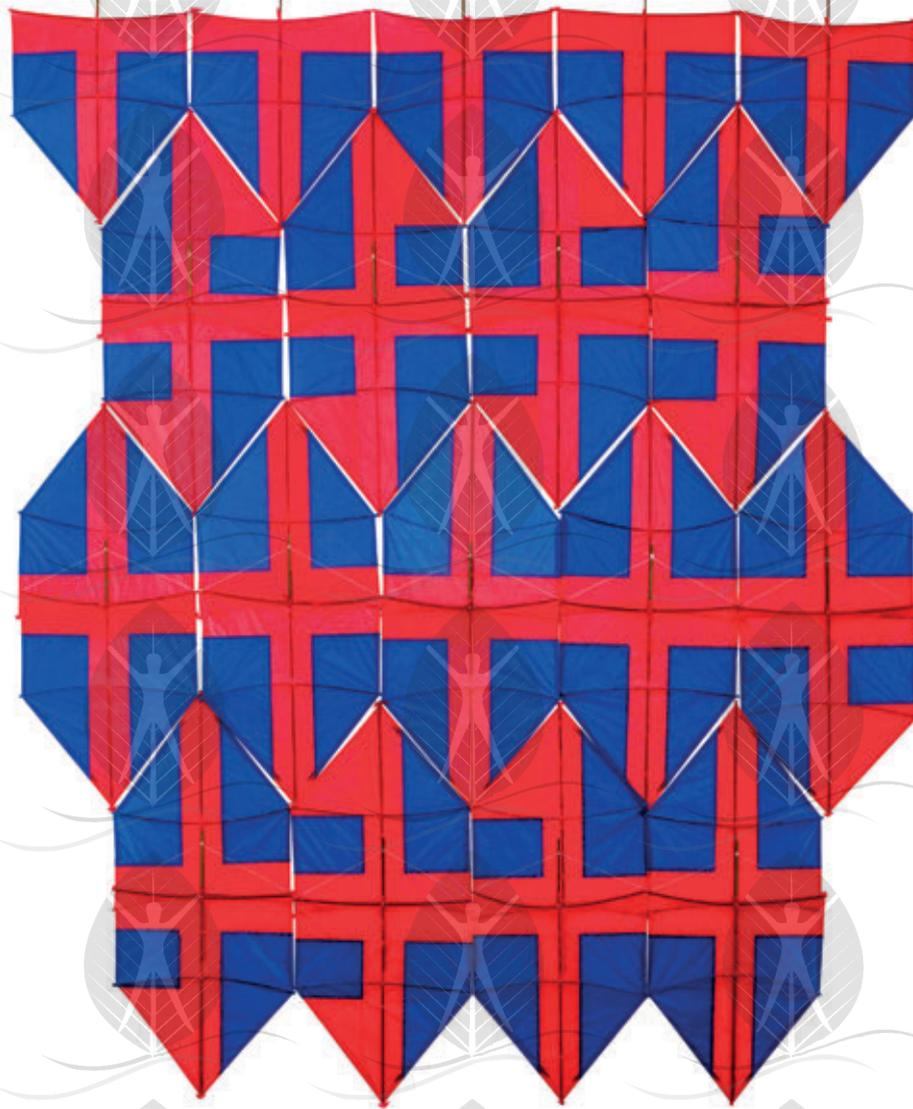
“ Desde pequena tive interesse em desenho, parte herdado do dom que meu pai tem em desenhar. Sempre gostei de me expressar e percebi que a linguagem artística me chamava. É um processo de busca de conhecimento, quase autodidata, que travei através de livros e cursos. Assim fui aprimorando minha compreensão sobre artes visuais num sentido geral. Aos 19 anos realizei minha primeira exposição “Devaneios” e desde lá realizo trabalhos na área de produção artística.

Gosto de retratar sentimentos que me rodeiam. O processo de criação vem do ato de olhar pra dentro e perceber o que precisa ser dito. Isso varia de acordo com cada trabalho, pois é um processo de internalizar para externalizar. Busco dentro da maioria de meus trabalhos trazer reflexão sobre o existencial, uma busca por tentar entender aspectos filosóficos de nossa própria existência. Essas temas são apresentados dentro do meu trabalho influenciados principalmente pelas técnicas surgidas a partir da arte moderna, que trazem escolas como o expressionismo, o dadaísmo,

o fauvismo. Busco me inspirar nesses estilos para dar cor e tom aos universos que habitam por dentro de mim e que narram sua existência pouco a pouco através de cada pincelada.

É uma honra participar de um projeto dessa magnitude, que possui em seu corpo expositor os melhores nomes da atual cena cultural da cidade. Para essa mostra artística estarei apresentando parte de uma série de trabalhos realizados dentro da temática do universo feminino, que traz as “Flores Amazonas” ao público. Ao escolher as flores como símbolo dessa feminilidade, buscou-se dissociar o sentido de fragilidade ao qual as flores sempre foram impostas - tanto quanto as mulheres. As flores, dentro deste universo, longe de serem frágeis, são símbolo da beleza, de fertilidade, de natureza viva e colorida, da criação, da harmonia com a terra, e da perseverança, no ato de desabrochar todo dia com a mesma garra e beleza natural em meio a selva de caos, como nós mulheres.





PapaGaia, 2017. Papel de seda e talas de buriti, 31 papagaios de papel



Roberto Evangelista

“ Nos anos 1970 já trabalhava com Publicidade – área de criação e direção de comerciais – e tive a oportunidade de operar diretamente num estúdio de televisão. Já havia realizado a minha primeira instalação, “Mater Dolorosa I”, e dali produzi os meus primeiros trabalhos com a vídeo-arte, avançando sempre pela vertente conceitualista.

A arte brasileira, anos 1960 e 1970, mergulhou na área da experimentação e, naturalmente, recebeu influências da minimal art e da arte conceitual, que juntas surgiram oriundas do movimento de um homem só, Marcel Duchamp, divisor de águas da moderna e pós-moderna história da arte. Então, navegamos todos por essas águas, com novas propostas através

de inúmeras vertentes. Caminhei pela land art e por aí, de quando em vez, manifesto minhas reflexões sem, no entanto, radicalizar. Hoje, experimento todas as mídias possíveis seguindo a minha imaginação.

No contexto político cultural que vivenciamos, esse Circuito de Artes Visuais é um oásis, ainda não um paraíso, para expressarmos a nossa arte e permitir um efetivo e proveito diálogo entre as gerações produtoras de arte do Amazonas. A obra, “papa-GAIA”, elaborada com Turenko, pretende ser um exemplo vivo desse relacionamento. A obra homenageia a Terra e o movimentos da Pop e Op Art.



Brincadeiras com formas geométricas 01, 2017.
Papelão e bambu, 42 x 30 x 35 cm



Brincadeiras com formas geométricas 02, 2017.
Papelão e bambu, 42 x 30 x 30 cm



Brincadeiras com formas geométricas 03, 2017.
Papelão e Bambu, 50 x 32 x 50 cm

Rodney Marques

“ Iniciei nas artes plásticas em São Paulo nos anos 1980, trabalhando o realismo como escola para retratar temas ferroviários e a natureza. Atuei também como ilustrador em agências de propaganda. Em paralelo à ilustração, participei de exposições, livros e eventos relacionados com a arte. A partir de 2010 comecei a trabalhar o tema amazônico em aquarelas, até a data atual.

Dentro das artes visuais passei por várias escolas: realismo, naturalismo, surrealismo, abstracionismo. Nas aquarelas, técnica que adotei em meus trabalhos, uso os estilos naturalistas e surrealista como referência para

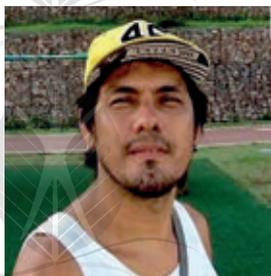
retratar a natureza. Em paralelo à pintura, trabalho, também, com escultura focando o estilo minimalista.

Foi com grande entusiasmo que recebi o convite para participar deste importante Circuito das Artes Visuais, na cidade de Manaus. Participo com três esculturas, as quais usei como matéria-prima o papelão reciclado, tendo como base a simplicidade das formas, e como referência a escola minimalista.





Cobra estilizada, 2017



Rogério Arab



Comecei minha carreira na pichação.

O Tema presente na minha arte é a biodiversidade amazônica. Uso uma técnica chamada spray can, e meu estilo eu defino como 3D biogeométrico surreal.

Durante o Circuito vou pintar um universo relacionado a cobra estilizada.



Um verde e cinza, 2017. Madeira e cimento, 70 x 45 cm

Um grito da raiz, 2017. Madeira e cimento, 80 x 40 cm



Rosa dos Anjos

“Meu avô fazia a cerâmica marajoara, e desde criança sempre gostei e brincava com argila, fazendo despertar em mim a artista que sou hoje.

A Amazônia é um dos temas sempre presentes nos meus trabalhos, que gosto de realizar com esculturas em concreto armado, metais, madeiras, miniaturas, sempre falando de meio ambiente e de sustentabilidade.

Um artista visual tem que estar presente em vários circuitos, e esse com certeza é um muito importante, reunindo grandes nomes da arte amazônica. Nisso posso contribuir com uma de minhas esculturas falando de Amazônia.



Flores (I), 2017. Acrílico sobre tela, 100 x 50 cm



Flores (II), 2017. Acrílico sobre tela, 100 x 50 cm



Flores (III), 2017. Acrílico sobre tela, 100 x 50 cm



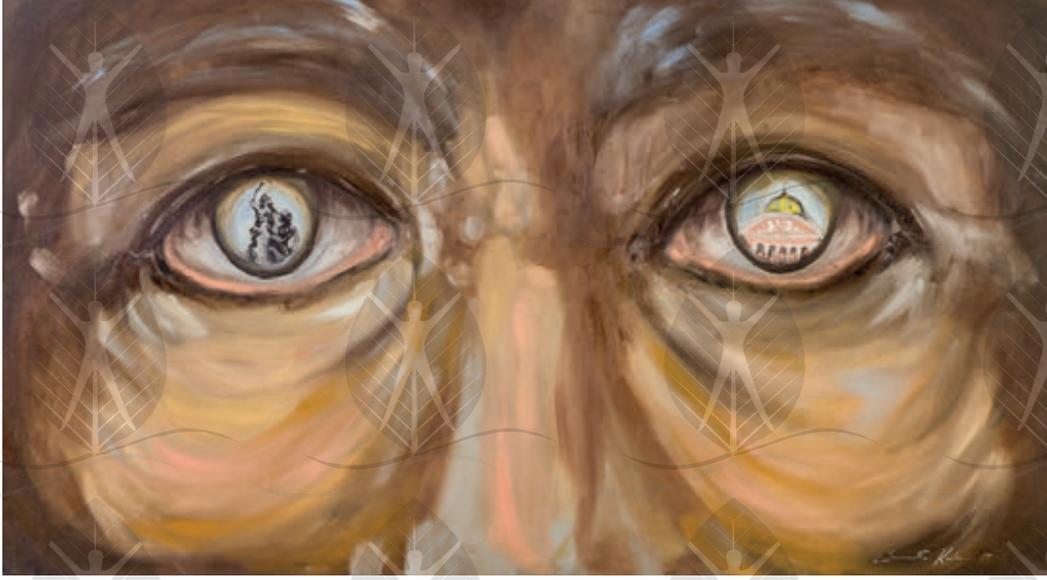
Rui Machado

“ Todo artista nasce artista, e depois é só trabalhar e trabalhar. Sou autodidata e nos anos 1970 cheguei a frequentar a Pinacoteca do Estado, fazendo amizade com grandes mestres como Moacir Andrade, Hahnemann Bacelar, Álvaro Páscoa, Afrânio de Castro e Manoel Borges. Desde muito jovem sempre gostei de desenhar e pintar, guardava meus desenhos e quadros ou às vezes presenteava a família e os amigos. Foi por incentivo do jornalista Carlos Aguiar que, em 1982, dentro do “Projeto Hahnemann”, fiz minha primeira exposição, intitulada “Travessia”, no hall do Teatro Amazonas. De lá pra cá não parei mais de produzir, pois a arte faz parte da minha vida.

Minha grande inspiração é a Amazônia, sua fauna, sua flora e os povos que nela vivem, portanto meu tema é o mundo em que vivo. Também gosto muito de quadros políticos, que mostrem os problemas da minha

região, instigando o observador a pensar no que acontece ao seu redor. Para mim arte nem sempre é apenas uma peça decorativa, podendo ser um instrumento para denunciarmos ou mostrarmos nossa insatisfação com alguma coisa. Pinto em algumas técnicas, mas prefiro tinta acrílica sobre tela, e meu estilo é livre como a própria arte deve ser.

Quanto à minha participação no Circuito de Artes Visuais, é resultado do trabalho que executo, sempre com amor, respeito, dedicação, determinação e comprometimento com a arte. Os quadros que apresento nesse evento são a continuidade do que venho fazendo ao longo dos anos, sempre seguindo a minha intuição, inspiração e o compromisso com o meu mundo e a minha verdade, pois o tudo é de acordo com os olhos de quem o vê.



Visor I, 2017. Óleo sobre tela, 90 x 50cm



Visor II, 2017. Óleo sobre tela, 40 x 30cm



Visor III, 2017. Óleo sobre tela, 40 x 30cm

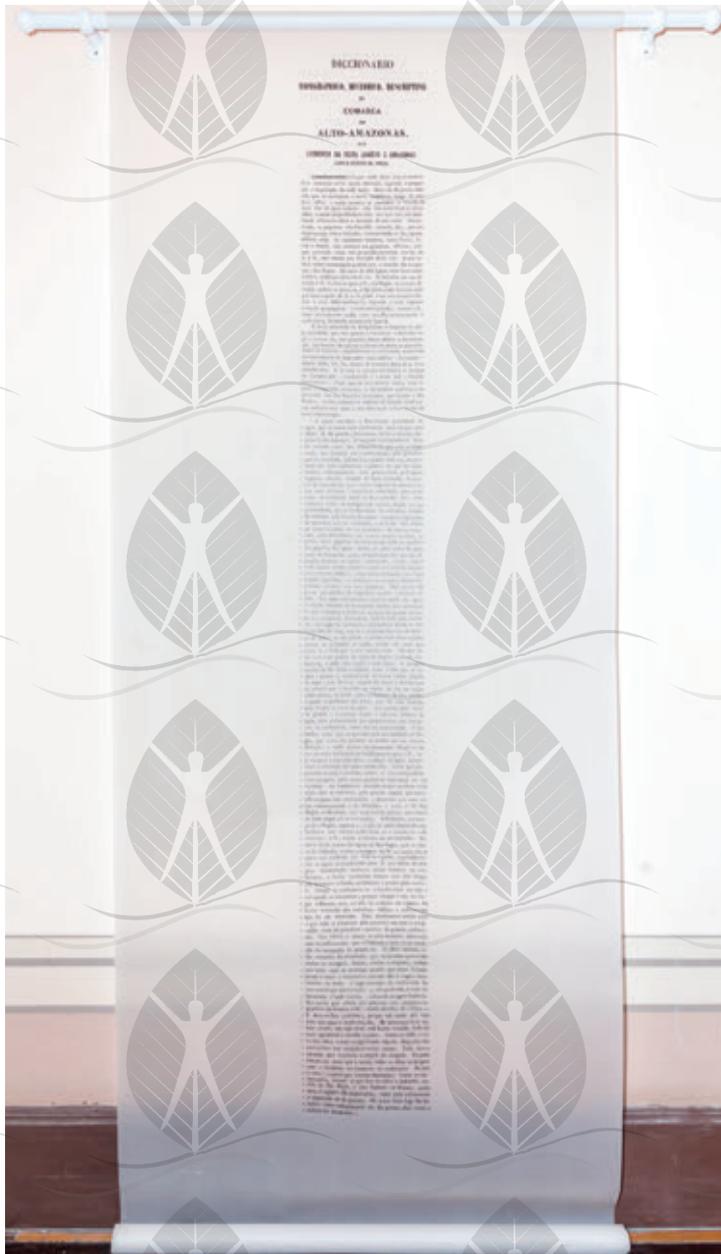
Samantha Karlia

“Minha carreira como artista, de fato, começou com exposições coletivas para apresentações de trabalhos da faculdade do curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), quando ainda cursava o segundo período. Hoje, já formada.

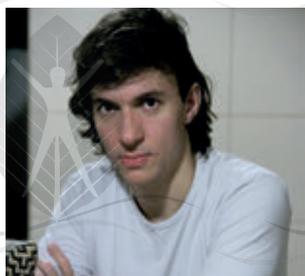
Temas místicos e lendas ou figuras regionais são geralmente representados através da figura humana em si, representações de partes da anatomia humana, através de pinceladas com variadas paletas de cores. Trabalho com todo tipo de técnicas, e atualmente represento tais temas através da pintura a óleo sobre tela.

Fiquei muito feliz ao receber o convite, e de poder participar com minha arte. O evento é de extrema importância, pois de cara já mostra a junção dos artistas já renomados e as novas representações de artistas regionais como prioridade, inovando em questão de eventos na cidade.





Protótipo de Arte Oficial, 2017.
Desenho – papel vegetal, nanquim, varões e suporte, 220 x 150 cm



Sávio Stoco

“ Cursei Comunicação Social, onde me aproximei-me do Cinema e Fotografia. No Coletivo Difusão fiz meus primeiros vídeos. Cursei a especialização Artes visuais: cultura e criação no Senac. Fiz mestrado no PPG Artes Visuais da Unicamp, onde me iniciei em pesquisa sobre História da Arte. No doutorado (em andamento) no PPG Meios e Processos Audiovisuais na USP, investigo filmes amazônicos de Silvino Santos e a tradição visual, discursiva, sobre a região. Busco aliar formação com uma criação contemporânea. Em 2011 ganhei o Prêmio Funarte de Arte Contemporânea 2011, assim como o Prêmio Banco da Amazônia de Artes Visuais e o PAIC Artes Visuais. Expus “Amazônia, esfinge” nas galerias da Funarte BH, CAUA/Ufam e no Espaço Cultural Banco da Amazônia em Belém. Participei do Arte Pará 2013. Coordenei o Seminário 3x3: Fot. Contemporânea Amazônica (Belém, Manaus e Boa Vista), resultando no livro *Fotografia Contemporânea Amazônica* (2016).

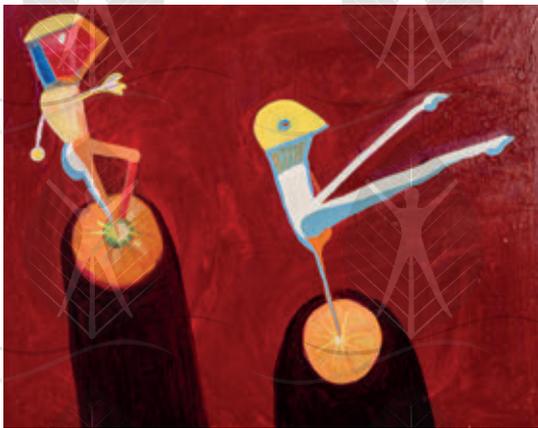
Busco refletir sobre a história das imagens, aliando isso a uma compreensão social. Tenho interesse em conhecer sobre as pessoas e o lugar em que encontro-me. Dentro desse contexto, não me restrinjo, posso abordar um tempo presente, algumas décadas passadas ou mesmo séculos atrás. E as imagens podem ser literárias, visuais, desenhadas, digitais etc.. Quanto à

forma de apresentação, penso que cada assunto terá que ser investigado para ganhar uma técnica e uma forma que adeque-se e potencialize o que precisa ser dito e o que eu for capaz de dizer.

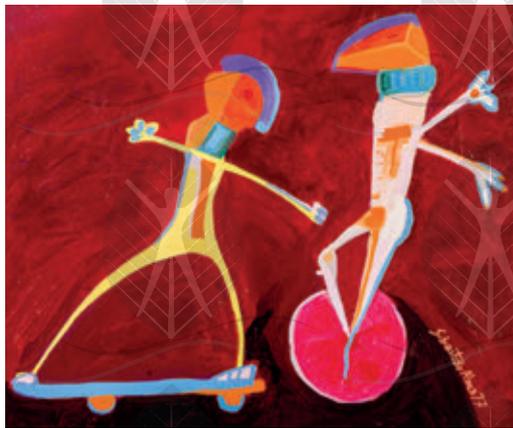
Protótipo de arte oficial baseia-se em um estudo acadêmico em História Social da Arte que desenvolvi em 2016. Pesquisei a constituição do discurso que associa-se ao marco natural do encontro do rio Negro com o rio Solimões, no processo de emancipação do Amazonas e busca, pela elite, por uma identidade para Manaus. Identifiquei que esse processo se inicia com um texto curioso, bastante imagético, de Lourenço da Silva Araújo Amazonas. Em 1852 ele descreve pictoricamente, como nenhum antes, essa confluência fluvial. Levantei a hipótese da intertextualidade dessa imagem literária com o pano de boca do Teatro Amazonas atribuído a Chrispim do Amaral. Instalado no palco desse monumento da cidade, o teatro, o encontro dos rios é alçado a ícone identitário. Será tomado, literalmente, como imagem oficial e pouco mais tarde como imagem turística, popular. Desenhei o texto de Lourenço Amazonas, precursor em sua exaltação. Formalmente, meu procedimento tomou como imagem visual esse verbete (imagem literária), assim como tecnicamente trabalhei o texto como desenho (visual), sem imprimi-lo.



Equilibristas, 2017. Acrílica sobre tela, 150 x 200 cm



Equilibrista Série I, 2017. Acrílica sobre tela, 50 x 60 cm



Equilibrista Série II, 2017. Acrílica sobre tela, 50 x 60 cm



Sebastião Alves

“ Iniciei a carreira nas Artes Plásticas com uma exposição em 1986, na Associação Paulista de Belas Artes, na cidade de São Paulo (SP) quando era estudante de cursos livres. Naquela época ainda não tinha definido uma temática, apenas desenvolvia trabalhos acadêmicos voltados para estudos de aprendizagem e aperfeiçoamento das técnicas de Desenho e Pintura. Antes, porém, já apresentava uma tendência para a linguagem visual. Desde a minha infância gostava de observar reproduções de imagens religiosas da igreja que frequentava, na cidade de Tabatinga, Estado do Amazonas; assim como, fotos antigas da família. Tudo isso me atraía pelas cores e formas das imagens que foram registradas e processadas na minha mente que fez com que despertasse o interesse pelas artes visuais e até hoje não paro de desenvolver projetos nessa área.

Atualmente, desenvolvo trabalhos com temáticas indígenas, vez e outra, algo com questões urbanas e intimistas, com técnicas variadas que vai desde a tradicional pintura e desenho até a fotografia, instalação, assemblage, performances e outras. Então, percebe-se que existe uma variedade

de técnicas que acredito que podem possibilitar um campo vasto para o desenvolvimento de trabalhos criativos e interessantes. Quanto ao estilo, prefiro omitir esse detalhe, pois acredito que o artista, por ser um indivíduo que sofre influência direta tanto interna como externa, está em constante metamorfose, pois seu processo investigativo está no mundo que faz existir como matéria e consciência. Portanto, o artista, um ser pensante, uma ser que está em constante processo de aprendizagem. Com isso, toda energia proveniente se refletirá em seu trabalho e, consequentemente, no seu ações criativas.

O Circuito de Artes promovido pela Secretaria de Cultura é uma oportunidade para os artistas amazonenses que querem mostrar suas criações. Minha participação nesse evento contribuirá de alguma forma para o desenvolvimento das artes visuais no Amazonas, assim como, oportunizar aos artistas um diálogo permanente entre seus pares. Nesse sentido, o Circuito de Arte é um acontecimento que tem sua importância no contexto das artes visuais no Estado do Amazonas.



Mao Chaos Lost City, 2017.
Instalação mista pinturas sobre papel, 66 x 96 cm



Sergio Cardoso

“ Comecei a me interessar pelas artes visuais vendo filmes e lendo revistas em quadrinhos, e usando uma máquina de foto quadrada portátil para filme cento e vinte. Desenhava filmes em papel, para passar em cinema da caixa de madeira, criando estórias e narrativas segmentadas. Esta leitura da minha obra tenho em uso constante: O texto. A narrativa. Os personagens e o movimento. A tematização das construções visuais sempre foi praticada com naturalidade. A minha primeira exposição.

Os temas mais presentes são relacionados com abordagens críticas sociais e sobre a fenomenologia amazônica.

A participação nesta coletiva, espero que possa contribuir de alguma forma pra compor com o coletivo e a apreciação do público.



Opimo, 2017

Thaizis Isy

“ Meu primeiro contato com o universo artístico surgiu na infância. As brincadeiras que envolviam desenhos eram minhas atividades favoritas. Na adolescência fiz alguns cursos de pintura e desenho no Liceu de Artes e Ofícios Claudio Santoro. Em busca de desenvolver mais técnicas e aprimoramento, em 2008 ingressei no curso de Artes Visuais na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Entusiasta da arte urbana, em 2009 comecei a deixar meus graffitis pelas ruas de Manaus. Foi quando eu me encontrei como artista fazendo Graffiti.

Minhas obras são inspiradas no feminino e na natureza. Retrato faces e corpos femininos que expressam sutileza e interagem com elementos da fauna e flora. As técnicas são compostas por efeitos que simulam o

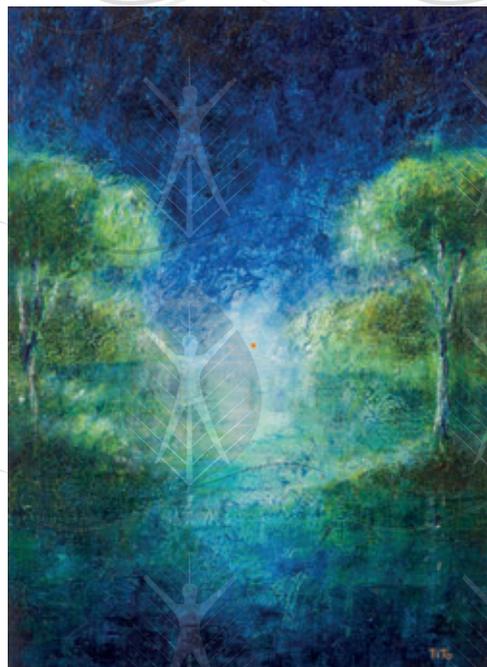
universo místico, linhas infinitas definindo espaços que se relacionam de diferentes modos, curvas livres que envolvem as diversas formas em espiral, são símbolos mais presentes em meus desenhos. Gosto de brincar com as cores para que o graffiti se destaque em meio ao caos urbano.

Sinto-me grata e honrada pelo convite em participar do Circuito de Artes juntamente com artistas renomados de nossa região. É uma grande satisfação ver a cena do graffiti ganhando espaço na exposição. Minha obra é um painel de graffiti de aproximadamente 10 x 2,20 metros, com a proposta de destacar a arte da beleza cabocla e da flora amazônica. Meus parabéns a todos envolvidos na construção do Circuito de Artes Visuais.





A Rã, 2005. Mista, 60 x 50 cm



Sem reflexo, 2013. Acrílica sobre papel paraná, 39 x 37 cm



Tito

“ Eu me aperfeiçoei com os cursos livres do então Centro Cultural Claudio Santoro, desde 1998, mas desde a época da escola já desenhava e pintava. Também participei de várias exposições coletivas promovidas pela Secretaria de Cultura do Amazonas, Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos (ICBEU) e outros lugares. Ganhei um prêmio de primeiro lugar na categoria Pintura Contemporânea pelo próprio ICBEU, e atualmente estou concluindo minha graduação em Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Os temas mais presentes são a condição social, a solidão e a paisagem abstrata, representados em tela com tinta acrílica.

O Circuito de Artes Visuais é um momento de grande importância, uma boa oportunidade de mostrar minha arte, visto que já faz um bom tempo que não participo de exposições.

Estou levando obras com temática regional, mais abstraída, fugindo um pouco do convencional.



Vendo 1 m² da Amazônia, 2017. Instalação materiais diversos, 100 x 100 cm

Turenko Beça

“ Comecei a pintar aos 12. Imitava o Van Pereira e o Eli Bacelar. Tive o professor Tuta, José Roberto Bessa lá do bairro de Aparecida que me ensinou umas técnicas na escola. E ainda tinha o padrinho do meu irmão, o pintor Jorge Marques que me ensinou muito. Porém apenas em 1990 participei de uma exposição coletiva.

Desde 1992 realizo pesquisas sobre a Amazônia, relacionando aspectos naturais, antropológicos das sociedades indígenas e da biodiversidade, sobremaneira a relação do amazônida com as águas. Dessas pesquisas surgem obras conceituais em suportes e materiais diversos, performances e arte urbana.



É sensacional um evento que engloba 70 artistas de diversos segmentos e gerações distintas. Mais uma vez a Secretaria de Cultura mostra sua preocupação com as Artes Visuais no Amazonas! Vou apresentar no evento a obra “Vendo 1M quadrado da Amazônia”, uma continuação/provocação do “Portabilidade do Meu Chão” e do “Terra que Anda”. Consiste em uma placa de venda, e uma caixa com 1 metro quadrado de terra retirada de algum lugar selvagem da Amazônia, georreferenciado e congelado em meu método de conservação a partir da resina.



Olhares, 2017



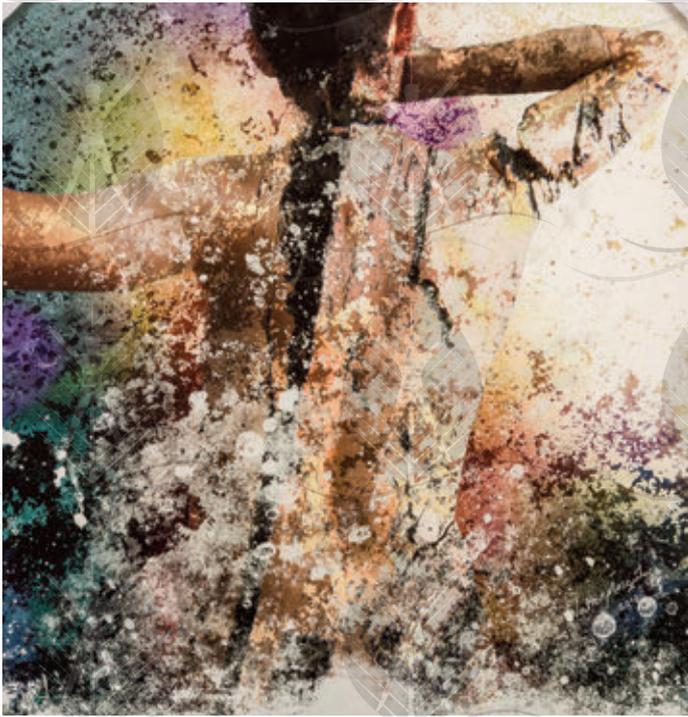
Valnei Choke

“ Desenho desde pequeno, e com o passar do tempo o interesse pelo desenho apenas aumentou. Ao andar pela cidade, comecei a observar pixações e graffitis, e aquilo tudo me fascinou. Em setembro de 2014, juntei o gosto que tenho por pintar e desenhar com a admiração pelo graffiti e decidi fazer meu primeiro “trampo” na rua. Desde aí não parei mais, e ainda tenho muito o que produzir e aprender – estou apenas no início da caminhada.

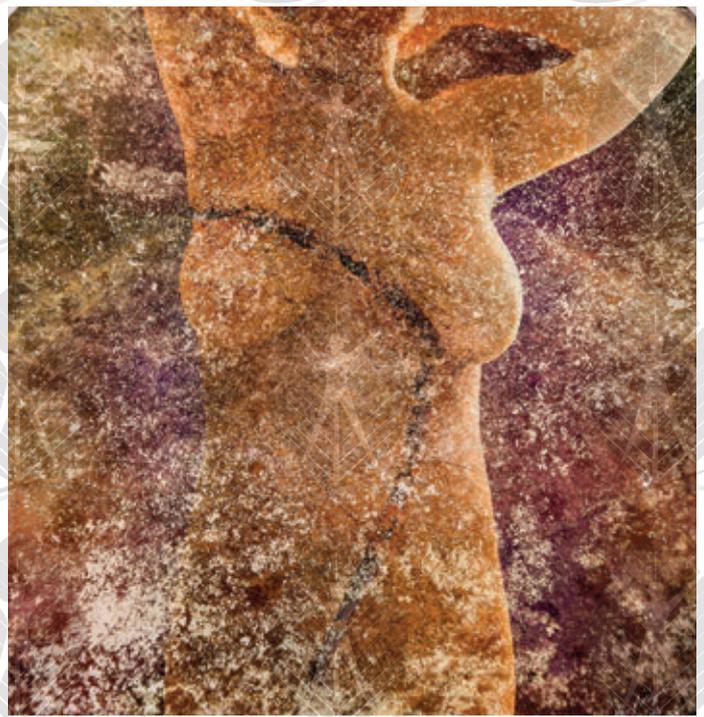
Os temas mais presentes são as aves amazônicas, suas cores e sua beleza, devido ao grande fascínio e admiração que tenho pelas variações de espécies, pelas cores e hábitos de cada uma delas. Busco representar essas aves de forma realista, de preferência em dimensões de 3 a 4 metros, pois acredito que uma ave com esse tamanho causa impacto visual para

quem vê e também causa questionamento e curiosidade. “E se existisse um pássaro deste tamanho? O que faria com os humanos?!”

É uma grande honra poder participar do Circuito de Artes Visuais, junto a vários artistas que têm trabalhos maravilhosos. É ainda uma grande satisfação, porque além de pintar e de expressar minha arte, terei uma boa troca de ideias e um grande aprendizado, com muita tinta, muito amor e muita arte envolvida.



Sonhadora, 2017. Arte digital sobre canvas, 46 x 44 cm



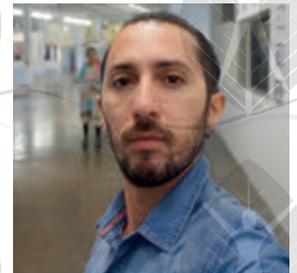
Espreitador, 2017. Arte digital sobre canvas, 46 x 44 cm

Valter Mesquita

“ Comecei a desenhar e pintar aos 9 anos, quando fui morar com a minha família no Estado do Ceará, onde vivi até maio de 1995 até regressar à minha cidade natal – Manaus, onde moro atualmente. Em 1996, participei de um curso de pintura a óleo que durou três meses, que teve quatro pinturas expostas em uma exibição coletiva no antigo Teatro Chaminé (atual Usina Chaminé). Foi minha primeira exposição coletiva. Devido ao curso técnico de Informática Industrial iniciado em 1997, que durou quatro anos, não produzi muitos desenhos e pinturas regularmente. Entrei para a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) em 2002, para cursar Artes Plásticas. Graduei-me em 2006, e em 2007 me tornei professor substituto para o quadro de docentes do Departamento de Artes da UFAM, sendo concursado em 2009. Nesse período participei de várias coletivas, sendo a minha primeira individual em 2012, no Museu Amazônico, intitulado “Ninfas e Faunos”.

Os meus principais interesses convergem na relação entre as artes visuais e as tecnologias digitais da imagem, sintetizando no que costumamos chamar de arte digital. Parto de temas do mundo fantástico e mágico, como os personagens mitológicos e oníricos, mas focando principalmente no corpo, buscando um diálogo mais introspectivo. Trabalho com fotografia digital e pintura digital para conseguir os efeitos desejados na composição de meus personagens, além de utilizar texturas variadas adquiridas a partir de minha experiência com o mundo. A técnica chamo de “arte digital sobre canvas”.

A ideia de fazer parte de uma ode às Artes Visuais de nosso Estado, pensando a visibilidade e difusão das mais variadas produções em artes visuais na atualidade, é contribuir para a construção de uma história em movimento no que diz respeito a produção artística local. Particparei com duas obras de pequeno formato, em uma espécie de diálogo binário entre elas, que mais do que ser opostas, são complementares: a água e o fogo, o céu e a terra, a vida e a morte, a luz e a escuridão, o corpo e a alma.





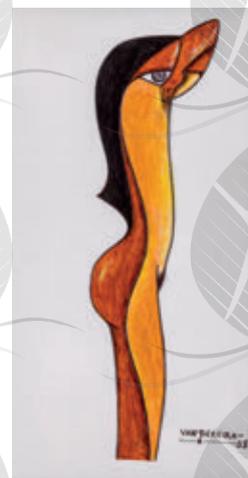
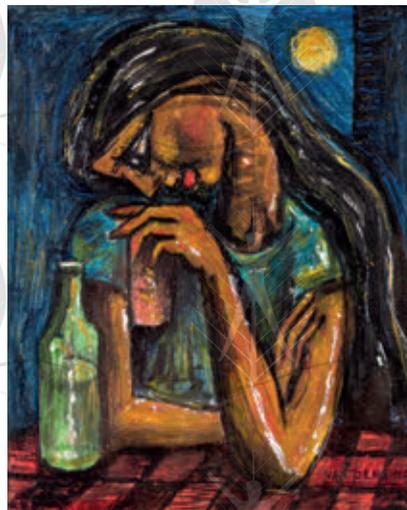
Variações sobre a mulher 1, 2017.
Acrílica sobre tela, 104 x 127 cm

Variações sobre a mulher 2, 2017.
Mista, 33 x 30 cm

Variações sobre a mulher 3, 2017.
Mista, 36 x 24 cm

Variações sobre a mulher 4, 2017.
Mista, 33 x 24 cm

Variações sobre a mulher 5, 2017.
Mista, 28 x 18 cm



Van Pereira

“ Por incentivo e apoio do artista plástico e professor Moacir de Andrade, ao ver os meus desenhos feitos com caneta esferográfica preta em pedaços de cartolina. E também porque ele foi meu professor de Desenho Técnico na antiga Escola Técnica Federal do Amazonas no curso de Edificações, no qual me formei técnico em 1968. Foi a data em que ele me mandou matricular na Pinacoteca, que ficava na rua Barroso nos altos da Biblioteca Pública, escola de arte de onde ele também era diretor. Foi onde conheci os artistas, Álvaro Pascoa, professor de escultura e xilogravura; Edson Bandeira, História da arte; Manoel Borges, desenho artístico; e Afrânio de Castro, pintura. Foi nesse mesmo ano que ganhei o 1º lugar entre os alunos da Pinacoteca, cujo prêmio foi uma coleção da revista de artes “Gênios da Pintura” e uma passagem para Belém, para expor no Salão Artistas Jovens do Pará. Para isso tive o patrocínio de D. Maria de Lourdes Archer Pinto, dona dos jornais “O Jornal” e “Diário da Tarde”, e grande incentivadora do meu trabalho.

O meu trabalho sempre foi muito ligado às minhas raízes, os temas presentes são paisagens, carregadores e barcos da praia do mercado, mulheres caboclas com seu erotismo natural, lavadeiras da beira dos rios e igarapés, mulheres ticando peixes, empinadores de papagaios, pescadores, a variedade de peixes da Amazônia. E gosto muito das técnicas de preto e branco e aguadas acrílicas sobre cartão. Em 1974, o primitivo passa a ter uma estilização, em que poucas linhas e sem muito detalhe, expressam o tema da obra, chegando à simplicidade.

O Circuito de Artes Visuais é uma iniciativa que deveria existir sempre, e para mim é quase uma premiação poder participar ao lado de artistas jovens e até como incentivo. Graças à curadoria de Cléia Viana e do professor Turenko Beça, que vasculhou meu ateliê e selecionou esses desenhos de pequeno formato e um acrílico de grande formato e inéditos. Todos feitos em aguada acrílica, esferográfica e aquarela, com o tema mulheres.



Avatar azul, 2017. Pintura digital sobre lona vinílica, 116 x 92 cm



Avatar vermelho, 2017. Pintura digital sobre lona vinílica, 116 x 92 cm

Zeca Nazaré

“ Comecei aos 13,14 anos de idade. Fiz um curso por correspondência do Instituto Universal Brasileiro: Desenho Artístico e Publicitário, sediado em São Paulo. Na escola já desenhava os mapas e outros desenhos das tarefas para os amigos, que eram trocados posteriormente por informações preciosas nos dias de prova. Eu não prestava muita atenção nas aulas, pois achava que já sabia o que estava sendo ensinado. O curso era profissionalizante e me deu uma base sobre perspectiva, desenho de anatomia, diagramação de anúncios, além de uma série de macetes de desenho.

Após terminar esse curso por correspondência, descobri um curso de pintura e desenho na Pinacoteca Pública de Manaus, dirigido pelo professor Álvaro Páscoa, escultor português radicado em Manaus. E tendo professores como, Moacir Andrade, Manoel Borges e Afrânio Castro. Onde conheci a história da arte, os estilos e onde senti o cheiro das tintas.

Quando se começa não se tem tema, não se tem estilo, tudo é encantador e se copia tudo que você gosta e acha bacana. Lembro-me de ter feito decoração de boate com luz negra, aquela coisa brilhosa, era divertido e

ainda ganhava dinheiro. Depois trabalhei por muitos anos, como diretor de arte em agências de propaganda. Mas tinha uma coisa que eu tinha gostado muito no curso da Pinacoteca que era pintar e fazer coisas sem ser encomenda. Ai começou paralelamente ao trabalho de agência de propaganda uma pegada mais experimental, que foi se desenvolvendo e caminhando até eu sentir a necessidade de participar de exposições. A trajetória é longa e tem até experimentação em arte conceitual, projeto que levei pra Bienal de São Paulo em 1976.

Desde que começou a aparecer o computador que eu trabalho com ele. E com um programa simples, o Corel Draw, no qual eu desenvolvo imagens em arquivo digital que me satisfazem como artista. Também a algum tempo que gosto de fazer imagens com uma pegada amazônica.

Essas iniciativas institucionais coletivas são sempre uma boa oportunidade para os artistas apresentarem seus trabalhos. Principalmente os artistas jovens que muitas vezes ainda não fizeram uma exposição individual para mostrar seu trabalho. Nessa exposição estou apresentando dois trabalhos. Avatar Azul e Avatar Vermelho.









Ficha técnica

VERÃO NA PRAÇA CIRCUITO DE ARTES VISUAIS

MOSTRA DE AUDIOVISUAL | DEBATES | OFICINAS EXPOSIÇÕES | PERFORMANCES | GRAFFITI

David Almeida
Governador do Amazonas

Robério Braga
Secretário de Cultura

Elizabeth Cantanhede | Mimosa Paiva
Secretárias Executivas

Érica Adriana Brito
Chefe de Gabinete

Natália Mêne
Diretora de Eventos

Cléia Viana
Diretora de Museus

Cristiana Brandão
Diretora do Liceu de Artes e
Ofícios Claudio Santoro

José Luís Almeida
Diretor de Parques e Praças Culturais

Ângela Simões
Diretora de Centros Culturais

Sandra Praia
Diretora da Galeria do Largo

Jair Jacqmont | Karla Colares
Assessores de Marketing

Aretha Souza Lins | Jony Clay Borges
Assessores de Comunicação

Aline Rosana | Jandr Reis
Gerentes da Central de Exposições

Cléia Viana | Turenko Beça
Curadoria, Produção e Expografia

Jony Clay Borges
Redator

Alberto Moura | Roberto Costa
Montagem

**Janete Albuquerque | Lorena Gondim
Jorge Denis | Gerson Bastos
Emerson Rodrigues | Rafaela Fernandes**
Apoio a Produção Departamento de Museus

**Fabiana Almeida | Giselane Campos
José Marcos | Nazaré Soares | Tásia Gato**
Apoio a Produção Galeria do Largo

Francisco Carlos | Telma Sampaio
Apoio a Produção Casa das Artes

**Silvia Maria | Alessandra Gomes
Rodrigo de Oliveira**
Apoio a Produção Centro Cultural Palácio da Justiça

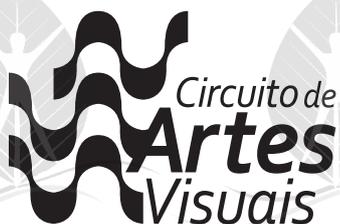
**Ana Silveira | Grace Duarte | Kamila Cerqueira
Justina Monteiro | Marinete Anjos | Michelle Sales
Sandra Santos | Suziele Ferreira | Deise Nascimento**
Apoio a Produção Liceu de Artes e Ofícios

Zamith Filho
Fotografias

Marcicley Reggo
Identidade Visual do Circuito e Catálogo

Índice dos artistas

Afrânio Santos	19	Lara Bonadiman	54
Alef Vernon	20	Manausmacaco	55
Alessandro Hipz	21	Marcelo Ramos	56
Bárbara Teófilo	22	Marcos Sonek	57
Buy Chaves	23	Mário de Paula	58
Caroene	24	Marius Bell	59
Cinthia Louzada	25	Monik Ventilari	60
Cristovão Coutinho	26	Nádja Kristhina	61
Da Maiia	27	Nelson Falcão	62
Deborah Erê	28	Noleto	63
Denis Maerlant	29	Óscar Ramos	64
Diego Batista	30	Otoni Mesquita	65
Eli Bacelar	31	Pablo Cunha	66
Eliberto Barroncas	32	Paulo Trindade	67
Emerson Soft	33	Pito Silva	68
Erre Nascimento	34	Polly D'avila	69
Eva Lopes	35	Priscila Pinto	70
Fabiano Barros	36	Raiz Campos	71
Felipe Fernandes	37	Rakel Caminha	72
Fernando Jr.	38	Roberto Evangelista	73
Flávio Tial	39	Rodney Marques	74
Francimar Barbosa	40	Rogério Arab	75
Francisco Rider	41	Rosa dos Anjos	76
Hadna Abreu	42	Rui Machado	77
Helen Rossy	43	Samantha Karlia	78
Homero Amazonas	44	Sávio Stoco	79
Iva Tai	45	Sebastião Alves	80
Jair Jacqmont	46	Sergio Cardoso	81
Jandr Reis	47	Thaizis Isy	82
Jarbas Lobão	48	Tito	83
Jessé Araújo	49	Turenko Beça	84
Johnny Castro	50	Valnei Choke	85
José Stenio	51	Valter Mesquita	86
Keila Serruya	52	Van Pereira	87
Kerolayne Kemblim	53	Zeca Nazaré	88



© **Secretaria de Cultura do Amazonas**, 2017

Organização » Cléia Viana

Coordenação Editorial » Marcicley Reggo

Curadoria, Produção e Expograpia » Cléia Viana, Turenko Beça

Produção Editorial » Dayana Teófilo

Capa e Projeto Gráfico » © Marcicley Reggo

Fotos » © Zamith Filho

Ficha catalográfica » Ycaro Verçosa dos Santos – CRB-11 287 -AM

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C578 Amazonas. Secretaria de Estado de Cultura.
Circuito de Artes Visuais – 2017. – Manaus: Edições
Governo do Estado / Reggo Edições, 2017.
96 p.: il. color.
ISBN 978-85-63651-83-9
1. Artes Visuais – Amazonas (Estado) I. Título.

CDD 709.8113
22.ed

Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei n.º 10.994, de 14 de dezembro de 2004.
Todos os direitos reservados (Lei 9.610/98).
Partes desta publicação poderão ser citadas, desde que referenciada a fonte.

2017

Este livro foi composto pela Reggo Edições, em Corbel e impresso em sistema offset sobre papel Couche 150g/m², em setembro de 2017.

Av. Djalma Batista, 1.661
Millennium Business Tower – sala 1308
69050-010 – Chapada – Manaus-AM

REGGO Fone: (92) 3308-7327
www.reggo.com.br



SECRETARIA DE
ESTADO DE CULTURA



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

ISBN-13: 978-85-63651-83-9



9 788563 651839 >